

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**MESTRADO**

**A VILA PEDREIRA:**  
**UM CONCEITO DE TRABALHO A PARTIR DAS HISTÓRIAS DE VIDA**  
**DE MULHERES DE UMA VILA POPULAR URBANA.**

**MÁRCIA LÚCIA RIETH UBER**

**DEZEMBRO 2002**

Banca Examinadora:  
Prof. Dr. Ignácio Neutzling (Orientador)  
Profa. Dra. Cleci Eulália Favaro  
Profa. Dra. Dagmar Elisabeth Estermann Meyer

UBER, Márcia Lúcia Rieth. **A Vila Pedreira: Um conceito de trabalho a partir das histórias de vida de mulheres de uma vila popular urbana.** São Leopoldo : Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UNISINOS, 2002. (Dissertação de Mestrado)

## **SINOPSE**

Este estudo tem por objetivo descrever e analisar as mudanças nas concepções de trabalho a partir de mulheres trabalhadoras, residentes em uma vila popular urbana da Grande Porto Alegre. A discussão que acompanha toda a pesquisa está centrada na elaboração que as mulheres fazem do conceito de trabalho, em suas trajetórias individuais. Participaram da pesquisa três mulheres da Vila Pedreira, que representam um segmento de moradores, daquela localidade, com expressiva participação social. A coleta de dados para essa análise, parte dos relatos de histórias de vida das três mulheres. Os relatos têm como linha temática comum o *trabalho*. O estudo e a pesquisa foram acompanhados por leituras de Hannah Arendt, onde aprofundamos os conceitos das atividades humanas fundamentais, que ela denomina de labor, trabalho e ação. As depoentes descrevem conceitos de trabalho, através de suas vivências e experiências, que são expressos na teoria. A ênfase trazida pelas mulheres em seus relatos, é dada ao trabalho como praxis-ação. É o trabalho no âmbito político, como ação social, exercido por essas mulheres junto aos moradores da Vila onde residem. A possibilidade de *fala* que têm sido propiciada pela História Social, resgata espaços para grupos esquecidos e marginalizados – como as mulheres da sociedade.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Trabalho – Práxis – Participação social – Narrativa – Mulheres

UBER, Márcia Lúcia Rieth. **A Vila Pedreira: Um conceito de trabalho a partir das histórias de vida de mulheres de uma vila popular urbana.** São Leopoldo : Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UNISINOS, 2002. (Dissertação de Mestrado)

## **ABSTRACT**

The aim of this study is to describe and analyze the changes in the conceptions of work, from the point of view of working women who live in a urban popular suburb in the area of Greater Porto Alegre. The discussion running parallel to the entire research is centered on the elaboration of the concept of work that these women do in their individual histories. Three women from Vila Pedreira who represent a section of inhabitants of that community with expressive social involvement, participated in the research. The collection of data for this analysis has its origin in the accounts of the life histories of these three women. The accounts have *work* as their common thematic line. The study and research were accompanied by readings from Hanna Arendt, where we went deeper into the concepts of the human conditions, which she names labor, work and action. The women describe concepts of work, through their life experiences that are expressed in the theory. The emphasis brought by them in their accounts is given to work as praxis-action. It is the work in the political field, as social action, carried out by these women with inhabitants of the suburb where they live. The possibility of speech that has been offered by Social History, recovers spaces for forgotten and rejected groups - like the women of society.

## **KEY WORDS**

Work – Práxis – Social participation – Narrative – Women

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata:

À minha família. Em especial ao Marcos, pela paciência. E as pequenas Luísa e Marina, pela companhia e pelos desenhos, que conseguiam atrair a atenção de mãe.

Aos colegas de Mestrado, pela alegria que foi termos nos encontrado.

Ao orientador e amigo Inácio Neutzling, pelos momentos de estudo e descontração que compartilhamos.

À amiga Cleci, pelas palavras de apoio.

À Organização Não Governamental, na qual atuei como enfermeira e sua equipe de trabalho.

À Vila Pedreira, nas pessoas de Esperança, Isabel Cristina e Negrinha, pela alegria que demonstraram quando escolhidas como as mulheres desta pesquisa.

## SUMÁRIO

CAPA .....	I
FOLHA DE ROSTO .....	II
SINOPSE .....	III
ABSTRACT .....	IV
AGRADECIMENTOS .....	V
SUMÁRIO .....	VI
APRESENTAÇÃO .....	08
INTRODUÇÃO .....	11
1.1 – O Tema .....	11
1.2 – A Prática das Entrevistas .....	22
CAPÍTULO I	
I – A VILA PEDREIRA E AS DEPOENTES .....	28
1.1 – As Depoentes .....	59
1.1.1 – Negrinha .....	60
1.1.2 – Esperança .....	65
1.1.3 – Isabel Cristina .....	69

## VII

### CAPÍTULO II

II – HANNAH ARENDT E OS CONCEITOS DE LABOR, TRABALHO E AÇÃO .....	73
--	----

### CAPÍTULO III

III – OS SENTIDOS DO TRABALHO NA VIDA DE ESPERANÇA, ISABEL CRISTINA E NEGRINA .....	88
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	106
----------------------------------	-----

### ANEXOS

## APRESENTAÇÃO

Este estudo trata dos relatos das histórias de vida de três mulheres de uma vila popular urbana. É uma experiência de História Oral, que possibilita a criação de um laço de presença – presença que põe em movimento os sentidos corporais e espirituais que são próprios da relação humana: o ver, o ouvir e o falar.

A partir das narrativas das mulheres analisamos os significados e interpretações que elas atribuem às suas experiências de trabalho. Buscando a construção de um conceito de trabalho segundo as vivências das narradoras na localidade em que residem.

E como referencial teórico para esta análise utilizamos Hannah Arendt, em *A Condição Humana*, onde afirma que o mundo do trabalho sofre grande crise que tende a se agravar. A era moderna trouxe consigo a glorificação teórica do trabalho e uma sociedade operária que está para ser libertada. Sendo assim, existe a possibilidade de uma sociedade de trabalhadores sem trabalho, isto é, sem a única atividade que lhes resta.

Para justificar a existência da crise, a autora descreve que a vida dos seres humanos se manifesta através de três atividades humanas fundamentais: *labor*, *trabalho* e *ação*.

*Labor para Arendt consiste na: atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.*<sup>1</sup>

O trabalho(emprego) consiste na: *atividade que corresponde ao artificialismo da existência humana. O trabalho produz um mundo artificial de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. A condição humana do trabalho é a mundanidade.*<sup>2</sup>

Entretanto em situação de crise do/no trabalho vivenciada pela sociedade contemporânea, nem o labor (com uma conotação de dor e sofrimento), nem o trabalho/emprego que permite teoricamente a satisfação das necessidades básicas do ser humano, através do salário, estão cumprindo seus papéis.

Assim Arendt constrói uma terceira categoria de análise a que denomina de “ação”, *cujo sentido está centrado no fato de ser a única atividade que se exerce diretamente entre os seres humanos sem a mediação das coisas ou da matéria. Corresponde à condição humana da pluralidade, que por sua vez, é a condição para toda vida política*<sup>3</sup>. Para a pensadora é esta atividade humana que produz efeitos de satisfação e realização pessoal, frente à falência do labor e do trabalho.

---

<sup>1</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 15.

<sup>2</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 15.

<sup>3</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 15.

Visando comprovar a adequação teórica de Arendt em uma situação social real, optamos por realizar uma coleta de depoimentos, na modalidade de história oral de vida, de três mulheres moradoras de uma vila popular urbana.

Através da análise dos depoimentos tornou-se possível destacar no discurso das entrevistadas as atividades essenciais humanas (labor, trabalho e ação) bem como a importância da ação na realização de sua vida pessoal atual ou como realização futura.

# INTRODUÇÃO

## 1.1 – O Tema

O sentido do trabalho na vida das mulheres de uma vila popular urbana como tema de pesquisa, deve-se ao nosso interesse por temáticas que envolvam vivências e experiências de grupos sociais em nossa atualidade. A formação acadêmica de enfermeira, voltada para um olhar técnico, apenas, foi mais um incentivo na busca de aprofundamento e reflexões à partir do que nos trazem as interações das relações humanas.

Durante dez anos, estive vinculada profissionalmente a uma Organização Não Governamental (ONG) na condição de enfermeira, desenvolvendo atividades de ação comunitária em uma vila popular urbana da Grande Porto Alegre - entre as quais um Programa de Saúde Comunitária que priorizava ações de promoção e educação em saúde - com a participação dos moradores no planejamento e na organização do serviço oferecido. Esta forma de atuação possibilitou um contato diário com os moradores dessa vila, tanto nas dependências do Posto de Saúde local, como em seus respectivos domicílios.

No decorrer dos atendimentos que a equipe de saúde prestava aos que buscavam assistência, muitos problemas eram de ordem física, mas, no contato interpessoal, afloravam outros assuntos, tais como família, moradia, emprego e

sobre a própria vila. Éramos procurados principalmente pelas mulheres, porque, sendo responsáveis pela saúde dos filhos - em muitos casos desempenhavam também o papel de “pai” da família. Neste sentido, o papel das mulheres na construção e manutenção dos laços comunitários é decisivo.

É num espaço físico específico que acontecem as trajetórias de vida que vamos recuperar, através dos relatos orais das depoentes. Nessas histórias encontram-se impressos os acontecimentos sociais e políticos de uma localidade – a Vila Pedreira: Resgatar esta história pessoal e coletiva é um dos objetivos deste trabalho, permitindo, quem sabe, que através dos depoimentos, as entrevistadas tomem ciência de seu papel social e das transformações porque passam em suas próprias vidas - ao longo da vida. Através da reconstituição de sua história, via depoimentos dos moradores, uma vila ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança.<sup>4</sup>

Foi a emergência de novos temas de reflexão histórica, a partir do impulso imprimido pelas propostas da História Social, muito recentemente, que abriu espaços para os esquecidos, os marginalizados, os deserdados, as crianças, as mulheres e os velhos, os ditos "povos sem história", obtendo reconhecimento entre os historiadores enquanto objeto de estudos. Ao conceder foros de cidadania a novos objetos, novos problemas e novas abordagens – proposta por excelência da

---

<sup>4</sup> Paul THOMPSON, *A Voz do Passado: História Oral*, p. 21.

História Social - vem ocorrendo uma espécie de resgate progressivo da presença das mulheres, por exemplo, na vida das sociedades.<sup>5</sup>

Para que a história das mulheres encontre seu espaço definitivo no interior da ciência histórica faz-se necessário que questões essenciais sejam levantadas e discutidas em profundidade. No âmbito da história sociocultural, quando a proposta de pesquisa visa conhecer a fundo uma sociedade, o papel das mulheres é decisivo, enquanto elemento de transmissão e preservação dos valores da vila, de manutenção da saúde, da sociabilização das crianças, da educação dos jovens, do cuidado dos velhos. Tais atribuições, embora desvalorizadas ou ignoradas pela historiografia tradicional, têm um peso considerável.<sup>6</sup>

Este resgate, portanto, encontra-se na base deste trabalho. Através do desenvolvimento do primeiro capítulo, será descrito o recurso metodológico que utilizamos para a coleta em fontes primárias, ou seja, três depoimentos, na modalidade de história oral de vida.

A partir desses depoimentos queremos analisar como o tema “trabalho” encontra-se nesses relatos. Através das histórias das depoentes podemos identificar quais são os papéis atribuídos ao “trabalho” e como ele perpassa os momentos de suas vidas.

---

<sup>5</sup> Cf. Cleci E. FAVARO, *Imagens Femininas: contradições, ambivalências, violências*, p. 19.

<sup>6</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 19-20.

As entrevistas foram realizadas com três moradoras da Vila Pedreira, identificadas como Esperança, Isabel Cristina e Negrinha - nomes escolhidos por elas para preservar suas identidades.

Num segundo momento, deverá emergir a história da Vila Pedreira, suas características e peculiaridades, visando situar fisicamente o espaço da pesquisa.

Por fim, as três entrevistadas – Esperança, Isabel Cristina e Negrinha – terão seu protagonismo.

No decorrer das entrevistas, as três mulheres apropriam-se do tema 'trabalho' como eixo principal dos relatos de suas histórias de vida. Neste sentido, a discussão central de nossa pesquisa se dará a partir do que contam as depoentes sobre o papel do fator "trabalho" em suas vidas.

Ao optar por estudar com mais profundidade a vida de algumas moradoras da vila, tornou-se necessário definir como recurso metodológico o uso da técnica da coleta de dados através de depoimentos individuais gravados, na modalidade de histórias de vida.

A escolha de elementos do sexo feminino para a realização dos objetivos a serem atingidos deve-se ao fato de que nossos contatos na Vila Pedreira sempre foram mais efetivos com grupos de mulheres, e também porque essas vêm desempenhando um papel importante e decisivo na história e na construção do

grupo social, dado que exercem desde as origens da vila um importante lugar de liderança – enquanto iniciadoras de vários movimentos político-sociais – representando de forma significativa diferentes personagens nas lutas por melhores condições de vida para si mesmas, para suas famílias, para toda a vila, enfim.

A *história de vida* é uma das três modalidades da História Oral - recurso metodológico usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social das pessoas.<sup>7</sup> As organizadoras da coletânea que trata dos "usos e abusos da história oral" - Janaína Amado e Marieta Ferreira<sup>8</sup> - estabelecem o status da história oral em suas três principais tendências: a primeira corrente a define como uma técnica de levantamento de dados; a segunda, como uma disciplina; e a terceira, como uma verdadeira metodologia de pesquisa. Segundo essas autoras (que optam pelo status de metodologia), a história oral apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada uma delas para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de contato entre a investigadora e suas entrevistadas - e as influências dessa postura sobre seu trabalho – funcionando, portanto, como ponte entre teoria e prática.

Para as autoras, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar* questões, ao formular as perguntas, dado que não pode oferecer as

---

<sup>7</sup> Cf. José Carlos S. B. MEIHY, *Manual de História Oral*, p. 16.

<sup>8</sup> Cf. Marieta de M. FERREIRA, Janaína AMADO (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*, p. XII e XVI.

respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram – “na boa e antiga teoria da história”. Apenas a teoria da história dispõe de instrumentos capazes de compreender diferentes tipos de comportamentos descritos, porque se dedica a pensar os conceitos de “história” e “memória”, assim como as complexas relações entre ambas. Para esclarecer dúvidas, a pesquisadora poderá ainda lançar mão de contribuições vindas de outras disciplinas, tais como a filosofia, a teoria sociológica, a teoria psicanalítica, onde encontrará encaminhamentos e soluções para esse tipo de questão na área da teoria, já que esta tem a capacidade de pensar abstratamente questões oriundas da prática, filtradas pela metodologia, produzindo conceitos que, por sua abrangência, são aplicados a situações análogas, iluminando e transformando a compreensão da própria prática – no caso específico, do exercício da história oral.<sup>9</sup>

Fazendo nossas as palavras das autoras acima citadas, alguns pressupostos representam uma tentativa de condensar perspectivas e temas como específicos da história oral:<sup>10</sup> o testemunho oral é o núcleo da investigação; na história oral são gerados documentos (entrevistas) que são o resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos (depoimentos de analfabetos, rebeldes, crianças, mulheres, miseráveis...); a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas, que são legitimadas como fontes; a história do tempo presente (perspectiva temporal da

---

<sup>9</sup> Cf. Marieta de M. FERREIRA, Janaína AMADO (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*, p. XVI-XVII.

<sup>10</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. XIV-XV.

história oral), é legitimada como objeto da pesquisa e da reflexão; na história oral, o objeto de estudo da pesquisadora é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a história oral também é praticada fora do mundo acadêmico (grupos, comunidades) e sua pluralidade pode gerar um interessante diálogo; fontes orais são narrativas de caráter ficcional, tanto das entrevistadas, como da entrevistadora.

A história de vida, como o próprio nome indica, trata de uma narrativa subjetiva das experiências de vida de uma pessoa.

A História Oral de Vida apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo, uma organização, ou seja, como esta pessoa, esta organização ou este grupo interpretam sua experiência.<sup>11</sup> O sujeito central da história de vida é a depoente, que deve ter liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal, encadeando a narrativa segundo sua vontade. A história de vida é o retrato oficial da depoente - e a verdade acontece de acordo com o que ela nos oferece, soberana para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.

Segundo Meihy<sup>12</sup>, existem cinco formas principais de narradores, ainda que haja múltiplas variações em cada tipo de depoente: narrativas de vidas públicas (políticos, artistas, esportistas); pessoas que interpretam as próprias histórias

---

<sup>11</sup> Cf. Maria Cecília de S. MINAYO, *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, p. 126.

<sup>12</sup> Cf. José Carlos S. B. MEIHY, *Manual de História Oral*, p. 37- 38.

contadas de maneiras épicas(imigrantes, líderes de movimentos sociais); alguns narradores contam suas vidas de maneiras trágicas( doentes, pessoas traumatizadas); narradores cômicos(relação pessoal com a sociedade é crítica); narrador que conta a própria história mesclando várias formas narrativas(tanto a tragédia como o humor acentuado podem conjugar-se.

As depoentes, no caso desta pesquisa, relatam suas histórias de vida mesclando várias formas narrativas. É comum, enquanto narram episódios de suas vidas, alternarem formas de expressão oral: por vezes entusiasmadas e felizes, logo em seguida mostram-se preocupadas e entristecidas.

No processo, na relação entrevistadora-entrevistada, é importante saber distinguir a forma narrativa utilizada pela depoente para melhor compreender seu discurso e interagir de maneira mais eficiente. Da mesma forma, é significativo notar que há narradoras que dominam a prática da entrevista; convém, então pedir-lhes que falem sobre aspectos pouco revelados. Quando são pessoas que não estão acostumadas a dar entrevistas de história de vida, precisamos prepará-las para que vençam o sentimento de que são “pessoas comuns” e que suas vidas “não têm nenhum valor”.<sup>13</sup> O incentivo é necessário, por parte da entrevistadora, no sentido de estimular a depoente demonstrando a relevância de seu relato.

As mulheres, de um modo geral, especialmente até à primeira metade do século XX, não tiveram lugar no espaço público. Os homens é que falaram por elas,

---

<sup>13</sup> José Carlos S. B. MEIHY, *Manual de História Oral*, p. .38.

delas e para elas. Por isto, ao iniciar-se o século XXI, vamos buscar no discurso, na “fala” das próprias mulheres a sua maneira de ver o mundo e com ele relacionar-se.<sup>14</sup>

As três mulheres entrevistadas foram escolhidas intencionalmente. Esperança, Isabel Cristina e Negrinha são líderes, desde muito, em sua vila e mostram-se sempre prontas a participar de situações em que possam expressar o que pensam e planejam em grupo.

A opção por apenas três entrevistas deve-se ao fato de que essas são pessoas significativas na vila; por outro lado, é necessário considerar que se trata da coleta de longos depoimentos, narrativas densas, exigindo tempo para transcrição e análise dos conteúdos.

Faz-se necessário considerar ainda que, após a primeira entrevista, constatamos que a riqueza dos dados oferecidos para análise são suficientemente abrangentes para atingir os objetivos propostos. As entrevistas foram gravadas em fitas magnéticas e depois transcritas, retornando às depoentes para leitura e possíveis alterações e acréscimos, como reza a técnica.

Escolhemos também usar o recurso de história oral de vida com mulheres de uma vila popular porque acreditamos que, através da expressão falada, podemos

---

<sup>14</sup> Cf. Cleci E. FAVARO, *História oral/Histórias de vida: das dificuldades de uma pesquisadora na coleta de depoimentos de mulheres velhas*, p. 101-108.

romper as naturais barreiras existentes entre quem entrevista (a acadêmica) e quem relata (as moradoras de uma vila popular urbana), entre instituição acadêmica e sociedade. A história oral de vida tem uma natureza essencialmente criativa e cooperativa.

Uma vez gravada, a evidência oral pode ser utilizada por estudiosos solitários nas bibliotecas, exatamente como qualquer outro tipo de fonte documental, mas satisfazer-se com isso, porém, é perder uma vantagem essencial desse recurso: sua flexibilidade – a capacidade de dominar a evidência exatamente onde ela é necessária.<sup>15</sup>

Por outro lado a opção pelo uso das histórias orais de vida também é motivada pela preocupação em fazer a coleta de depoimentos de um modo menos formal, estruturado; mas sabemos também que provavelmente o que nos impulsionou nessa escolha é o desafio proporcionado pelo trabalho realizado com grupos de mulheres durante tantos anos, buscando aprimorar as habilidades de compreensão das relações humanas, através do compartilhar de experiências. Neste viés, a coleta de depoimentos permite, além da possibilidade de detectar a presença das noções de labor, trabalho e ação, o resgate de sua própria historicidade.

---

<sup>15</sup> Paul THOMPSON, *A Voz do Passado: História Oral*, p. 28-29.

A linguagem é a primeira instituição cultural com que nos deparamos no processo de socialização.<sup>16</sup> Esperança, Isabel Cristina e Negrinha usam a fala como instrumento de luta, como recurso para se sentirem partícipes de uma realidade que cotidianamente as exclui. Elas se utilizam da "fala" – do discurso - como “elemento mágico” que é capaz de passá-las para um “outro mundo” e que denota a consciência de outro saber e de outras práticas.

No momento das entrevistas, as mulheres dão continuidade a um ofício – o de contar casos, experiências, lições que a vida ensinou. O ato discursivo lhes dá poder, porque interagem positivamente com quem lhes ouve a palavra.

Uma das contribuições sociais essenciais que pode ser dada pela historiadora oral, quer em projetos, quer introduzindo citações diretas na história escrita, é ajudar a fazer com que as pessoas de classes populares confiem em sua própria fala e no seu papel social, construindo uma memória.

A relação entre as vidas dessas três mulheres e sua comunidade é a resultante de uma série de trocas, uma dialética entre a informação dada por elas e sua própria visão de mundo. Ao "extrair" uma história da vila, adquirem um sentimento de pertença a determinado lugar e a determinada época.

---

<sup>16</sup> Cf. Antônio T. MONTENEGRO, *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*, p. 37.

## 1.2 – A prática das Entrevistas

A entrevista aberta é um instrumento utilizado na coleta de depoimentos na modalidade de história oral de vida; é um “momento solene”, em dois sentidos. Por um lado, há todo um aparato técnico, a presença de uma pesquisadora que é encarada pela entrevistada, quase sempre, como um ser dotado de “autoridade acadêmica”. A entrevistadora toma a iniciativa de apontar seus objetivos e interesses e *escolhe* as mulheres a serem entrevistadas. Por outro lado, apesar destes aspectos, à primeira vista constrangedores, a entrevistada concorda em revelar parte de sua história diante da pesquisadora, normalmente desconhecida (o que não é nosso caso). Assim sendo, as perguntas feitas pela entrevistadora devem dar lugar a reflexões por parte da entrevistada, o que permite, e em certa medida, impulsiona, tecer sua rede de relações e experiências do vivido. Esta situação pode desencadear emoções e sentimentos por vezes muito fortes - e que devem ser tratados com cuidado.

Como podemos observar, a memória de uma entrevista na modalidade de história de vida não é a mesma de uma conversa informal com amigos ou mesmo de uma entrevista jornalística. No processo, a pesquisadora precisa captar o ponto de vista das pessoas que interroga, sua relação com a vida, procurando compreender sua visão de mundo.

Um projeto de pesquisa que busca como fonte primária relatos de vida tem como consequência importante o fato de fazer a educação sair de seus refúgios institucionais para o mundo e sua realidade. A pesquisadora e as entrevistadas são

beneficiadas, porque, no processo, vão interagir pessoas de diferentes classes sociais que, de outro modo, raramente se encontrariam. Na condição de pesquisadora/entrevistadora podemos nos tornar mais conscientes da imagem que representamos para as outras pessoas, enquanto adquirimos respeito pela coragem demonstrada em vidas muito menos privilegiadas do que as nossas.

Durante o processo (às vezes longo, às vezes curto, mas sempre intenso) de realização das entrevistas, o ponto mais intrigante é o próprio momento da entrevista. Não o momento de análise dos dados ou o processo técnico da transcrição, nem mesmo questões sobre utilização e importância desta metodologia, mas o *instante* da entrevista. Muito mais do que mera etapa de uma técnica (ou mesmo da utilização de uma metodologia), comporta dimensões possivelmente inesperadas numa investigação acadêmica.<sup>17</sup>

A possibilidade de utilizar as histórias de vida para finalidades sociais e pessoais construtivas é um fato importante, porque as histórias tratam de vidas individuais e todas as vidas são interessantes – na dependência do objetivo do estudo a ser desenvolvido. Como o recurso à entrevista baseia-se na fala e não na habilidade da escrita (muito mais exigente e restritiva), o gravador não só permite que a história seja registrada em palavras faladas, mas também que seja apresentada por meio delas.<sup>18</sup> Através de tal recurso tecnológico, a fala de gente comum – sua habilidade narrativa – pode ser compreendida.

---

<sup>17</sup> Cf. Michel M. LE VEN, Erika de FARIA, Miriam H. de S. MOTTA, *História Oral de Vida: o instante da entrevista*, p. 214.

<sup>18</sup> Cf. Paul THOMPSON, *A Voz do Passado: história oral*, p. 41.

Ser bem sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar. Cabe à entrevistadora desenvolver variações do método que, para ela, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade (e com a das entrevistadas). É importante acontecer a empatia entre entrevistada e entrevistadora, devendo ser a fala e a entrevistada sempre respeitadas. A flexibilidade nas reações em relação à entrevistada é imprescindível, sendo de fundamental importância desenvolver a capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela sua opinião e uma forte disposição de ouvir.

A entrevista registra a presença de uma mulher que aceita falar da sua própria vida para uma outra mulher, que entrevistadora e entrevistada vão ser ao mesmo tempo estranhas e cúmplices em um projeto comum, o que vai criar um laço de presença – presença que põe em movimento todos os sentidos corporais e espirituais que são próprios da relação humana: *o ver, o ouvir e o falar*.<sup>19</sup>

Ao *ver* e ser vista, ao tornar-se conhecida e às vezes reconhecida por sua própria história e por sua qualificação ou situação social, é nesse momento que se dá uma aproximação, uma descoberta e uma reciprocidade, criando-se então uma mútua revelação no olhar, que, muitas vezes, expressa aceitação e resistência, cumplicidade e desconfiança. Se *ver* é nomear o outro, pesquisadora e pesquisada

---

<sup>19</sup> Cf. Michel M. LE VEN, Erika de FARIA, Miriam H. de S. MOTTA, *História Oral de Vida: o instante da entrevista*, p. 216.

nomeiam e são nomeadas. As participantes deixam de ser indivíduos para estabelecer um início de história, com todas as emoções que esse momento pode suscitar em indivíduos. Esse ver, entrever, interver, é um ver que fala – ele é um elemento da fala.<sup>20</sup>

*Ver* é então produzir sentido, é também fazer história. *Ver e falar, falar e ouvir.* Não é só a entrevistadora que ouve, não é só a entrevistada que fala. Não é um monólogo – é um diálogo, mesmo que entre desiguais. nestas circunstâncias, a entrevistadora não pode ignorar o sentido da *fala* como palavra que também institui um espaço público.<sup>21</sup>

Como entrevistadora, somos confrontadas com o nosso próprio projeto de pesquisa (e também de vida, porque no caso as duas dimensões se entrelaçam) e com a necessidade imperiosa de (bem) ouvir. *Ouvir* significa uma disponibilidade que entra em conflito com o que poderia vir a ser uma invasão, a utilização (como instrumento) da outra que abre sua vida, sua intimidade, sua história. Então *ouvir* é também criar-se mutuamente como criadoras de algo novo, que acontece no momento do diálogo. O *ouvir* vai ter um sentido terapêutico para pesquisadora e pesquisada, tornando possível um reconhecimento e um respeito mútuos.<sup>22</sup>

A escuta, além do alerta e do reconhecimento de signos e convenções próprios

---

<sup>20</sup> Cf. Michel M. LE VEN, Erika de FARIA, Miriam H. de S. MOTTA, *História Oral de Vida: o instante da entrevista*, p. 217.

<sup>21</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 217- 218.

<sup>22</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 218.

da linguagem, admite um espaço intersubjetivo de interpretação, o que significa um engajamento, um querer fazer para que se possa levar adiante o exercício da decifração, aproximação e ajuda. O saber é um reconhecimento de aproximação-ajuda que permite a cada uma, pesquisadora/pesquisada, se constituir no seu lugar e de fazer história, de fazer um acontecimento.<sup>23</sup>

Este “fazer história” pode ser compreendido como uma interação, termo que nos parece adequado, ao pensarmos nas entrevistas. Trata-se de uma “ação entre” as envolvidas no processo da entrevista, onde há uma interessante troca de “saberes”, possível quando utilizamos o recurso da história oral, pois tratamos de informações que estão vivas.

O momento da entrevista tem assim um sentido próprio, distinto do uso que se possa fazer do produto-entrevista, mas que é, evidentemente, perseguido na transcrição, na releitura e na versão final da entrevista, quando se torna arquivo oral e escrito.

As entrevistas permitem à entrevistada uma reformulação de sua identidade, na medida em que ela “se pensa” perante a outra, “se percebe” como “criadora da história” a partir do momento em que se dá conta de que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então, ela para e reflete sobre sua vida; este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência.

---

<sup>23</sup> Cf. Michel M. LE VEN, Erika de FARIA, Miriam H. de S. MOTTA, *História Oral de Vida*, p. 219.

Por sua vez, o trabalho da pesquisadora, no processo, não é só um trabalho analítico, de cunho científico, mas um trabalho social. Na tentativa de compreensão – a partir das histórias de vida de Esperança, Isabel Cristina e Negrinha podemos ajudá-las a compreenderem-se enquanto agentes de transformação social.

## I - A VILA PEDREIRA E AS DEPOENTES

As três mulheres entrevistadas residem na *Vila Pedreira*, município de Esteio, na Grande Porto Alegre.

Segundo dados do Censo 2000, o município de Esteio tem um importante parque industrial, onde estão instaladas 2.950 empresas.

No período de janeiro a maio do ano de 2000, a Secretaria de Educação do município realizou um diagnóstico, em que apresenta dados importantes sobre a Vila Pedreira.

O quadro que segue mostra alguns desses dados:

<b>Vila Pedreira</b>	
<b>Área (m<sup>2</sup>)</b>	55.000
Crianças de 0 a 6 anos	455
Crianças de 7 a 14 anos	428
Adolescentes de 14 a 18 anos	214
Adultos maiores de 18 anos	<u>1.333</u>
<b>População Total</b>	2.430
<b>Famílias</b>	540
<b>Casas</b>	439

*Fonte: Prefeitura Municipal, 2000.*

A Vila Pedreira apresentava-se, aos poucos, à equipe desta ONG, juntamente com alguns de seus moradores. Nós profissionais desta equipe, estávamos ansiosos para iniciar as atividades, mas também receosos do que poderíamos encontrar.

Nossa equipe sentia uma forte sensação de medo, não o medo que qualquer ser humano sente diante do desconhecido, mas um medo construído pela leitura diária dos jornais - que apresentavam alguns dos moradores da Vila como definitivamente perdidos para o convívio social, como perigosos criminosos, assassinos em potencial, traficantes de tóxicos, prostitutas, etc. Tínhamos um medo real de nos envolvermos em dificuldades ou de enfrentarmos a morte nas mãos de algum "bandido raivoso".

Entretanto, o cenário com o qual nos deparamos não era totalmente desprovido de tranqüilidade. De certos ângulos, parecia mesmo uma vila urbana organizada, com intensa vida social: meninos jogando futebol e bola de gude; donas-de-casa conversando no portão e tomando chimarrão com a comadre; homens jogando cartas; trabalhadores passando a caminho do trabalho e vários "grupinhos" nas esquinas.

Apesar das aparências, a equipe sentia-se em permanente tensão, deparando-se com bêbados caídos pelas ruas e becos, mulheres gritando enquanto batiam em seus filhos, olhares atentos e avaliadores dos adolescentes que se encaminhavam para a vida que denominamos de "criminosa". Esses sinais de pobreza social e moral eram acompanhados dos sinais de pobreza material, de ruas esburacadas, cheias de barro e dejetos fétidos diante da ausência de sistema de esgotos.

Parece que junto ao medo - explicável, diante das circunstâncias - da aproximação de nossa equipe com a população da Vila, existia algo que atraía e repelia ao mesmo tempo a possibilidade de romper a barreira da aproximação. É a barreira que separa a população pobre das outras classes sociais - que gozam de inúmeros privilégios.

No entanto, conseguimos progressivamente chegar tão perto, a ponto de nos confundirmos com eles em suas casas e em sua Vila; mas deles a nossa sociedade construiu inúmeros modos de manter distância, através de diferentes gostos, paladares, cheiros e hábitos, embora não exista uma divisão formal entre pobres e ricos; pelo contrário, somos levados a conviver alegremente nos estádios de futebol, nos desfiles de escolas de samba e na nossa cozinha. Queiramos ou não, vivemos em mundos separados, cada vez mais longe um do outro.<sup>24</sup>

As mulheres da Vila Novo Caminho desempenham diferentes papéis sociais, apresentando-os nos seus atos cotidianos - a esposa, a mãe, a avó, a trabalhadora, a mulher capaz de ser sensível e afetiva até mesmo em suas ações mais duras e fortes.

Há mais de cinquenta anos, neste mesmo local onde hoje localiza-se a Vila, havia uma pedreira arrendada e explorada pela Prefeitura do Município de São Leopoldo, para extração de basalto. Tão logo o município de Esteio foi emancipado, a administração pública passou a explorá-la, permitindo aos funcionários residir junto ao local de trabalho.

---

<sup>24</sup> Cf. Alba ZALUAR, *A Máquina e a Revolta*, p. 9-11.

Nos anos cinquenta foi iniciada a construção da Rodovia Federal BR 116. Alguns funcionários vinculados ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem – DNER também passaram a residir próximo à pedreira. Com a chegada de mais moradores - e sendo essas obras de construção civil de grande porte - os trabalhadores passaram a levar seus familiares para residir no local, que foi assumindo o caráter de vila.

As condições de moradia e vida da localidade eram muito precárias. Não havia infra-estrutura hidro-sanitária e poucos moradores possuíam energia elétrica em suas moradias. A água era obtida de uma bica pública que se localiza onde hoje é a área central do município de Esteio (fonte atualmente interditada para consumo), diante da possibilidade de contaminação dos mananciais.

Principalmente as mulheres e as crianças encarregavam-se do transporte da água até às moradias, carregada em grandes latas. Uma das entrevistadas descreve essa situação:

Como naquele tempo não tinha água na vila, tinha que carregar de balde, depois era eu que tinha que carregar de balde porque meu pai dizia que fui eu que quis morar ali, um dia o pai abriu um poço, o Sr. Severi, morador antigo da vila que ajudou a fazer o poço e tudo, a água era salobra, mas pra ter um banheiro que o pai gostava duns confortinhos, eu me lembro que a gente tomava banho e lavava o cabelo e ele ficava duro parecia que tava enebado, mas pra nós era uma grande coisa aquela água, servia muito. (Isabel Cristina, 2002)

Esta depoente descreve a função que tinha, delegada por seu pai, de carregar água para o consumo da casa, desde a bica pública (fora da Vila) até sua moradia. Identificamos o conceito de “labor”, segundo Arendt (2000). Pelo relato, o pai a castigava com essa incumbência, pois atribuía a Isabel Cristina a responsabilidade por estarem morando naquele local. Buscar a água, repetindo essa tarefa todos os

dias, de balde, de um local distante era penoso e cansativo, mas necessário para a vida daquela família - até que foi possível a perfuração de um poço artesiano.

Mesmo que algumas famílias da Vila Pedreira pudessem providenciar a perfuração de um poço artesiano para abastecimento de água própria, a maioria delas tinha a preocupação em garantir o abastecimento público de água para todos.

Aproximadamente nos anos de 1980 -1981 iniciou-se uma mobilização social da Vila pela instalação de uma rede hidráulica, de "água encanada", como dizem as mulheres, quando passaram a reivindicar junto às autoridades competentes para que essa situação fosse regularizada, mas tiveram pouco êxito. Organizando-se em comissões, dirigiam-se à Prefeitura de Esteio - e retornavam apenas com muitas promessas. Algumas mulheres contaram que tiveram de utilizar-se de ações radicais - como a invasão do gabinete do Prefeito, gritos e manifestações mais agressivas junto às autoridades - até serem ouvidas.

No ano de 1984 obtiveram os primeiros resultados em relação ao impasse da água, conseguindo a extensão da rede de água pública até à Vila, beneficiando grande parte dos moradores.

Muitas outras eram as dificuldades enfrentadas no seu dia a dia, diante de uma infra-estrutura básica deficitária, ruas embarradas, um precário sistema de iluminação pública, o isolamento físico em relação ao centro da cidade, a violência, a drogadição e roubos, o lixo nas ruas, a proliferação de ratos, a ausência de urbanização e uma enorme carência no atendimento à saúde.

Esta situação precária implicava em maior organização da comunidade, para que tivessem êxito em suas campanhas reivindicatórias. Algumas lideranças pensaram que com a cooperação de representantes do Poder Público Estadual poderiam organizar uma Associação de Moradores. Entre as lideranças estavam Negrinha e Esperança (esta a primeira presidente da Associação de Moradores da Vila Pedreira).

Em agosto de 1985 foi fundada a Associação de Moradores da Vila Pedreira, com Estatutos e nomeação de diretoria própria. Alguns participantes desta primeira diretoria, como a presidente e o vice-presidente, tiveram seus nomes *sugeridos* pelo Senhor Secretário Estadual de Saúde do Estado.

Negrinha relata a sua presença e atuação política:

Trabalhei muito na Associação de moradores da vila, fizemos muitos abaixo assinados, passando de casa em casa, porque a gente não tinha água, nem esgoto, o esgoto na frente da minha casa era um valão aberto e cheio de água a céu aberto, tinha que limpa aquilo ali toda semana de enxada e tira a sujeira que acumulava dentro do valo, isso tudo eu fazia. E fomos batalhando, batalhando, na época o prefeito nos conseguiu a água graças a Deus, calçamento da vila e a escola, que nada disso a gente tinha e fomos conquistando, a luz também era precária, dez a quinze famílias usando a mesma ligação, uma trama de fios, levava até medo de uma hora dá um incêndio, a gente conquistou isso também (...) (Negrinha, 2002)

Em seu relato a depoente nos descreve que: *trabalhei muito na Associação de Moradores da Vila, e fomos batalhando, batalhando*. Este é o “trabalho” como atividade que se exerce diretamente entre os seres humanos, a *ação*, segundo Arendt<sup>25</sup>. Um trabalho de “batalha” como refere a entrevistada, mas que tinha um objetivo comum para todos que dele participavam, uma ação voltada para a melhoria das condições de vida daquelas pessoas.

---

<sup>25</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 15.

Muitas das dificuldades da Vila em relação à infra-estrutura básica podem ser creditadas à deficitária organização dos moradores e do próprio Poder Público, além do fato de que a área ocupada não pertencia legalmente aos moradores, visto constituir-se em uma propriedade particular.

Os moradores da Vila tinham como uma das suas principais preocupações a situação de ocupação ilegal dos terrenos em que residiam, sendo então, uma das primeiras realizações da diretoria da Associação o início das tratativas junto aos proprietários para a aquisição da área.

No decorrer de sua entrevista, Esperança lembrou a história política da Vila:

Como a gente já falou bastante na Associação de Moradores, a associação foi uma coisa que eu achava que a gente nunca ia conseguir aqui, monta uma Associação, mas como eu trabalhava na Secretaria de Saúde do Estado, a gente resolveu formar uma diretoria e formar uma Associação. A Associação foi fundada em 20 de agosto de 1985 e o importante pra nós era comprar a área de terra que a gente tinha porque sempre tavam dizendo que a gente ia sair e mora na beira do rio e eu achava um desaforo né porque a gente mora numa vila e sai daqui pra mora no outro lugar..., formou-se então uma Associação, se tinha uma diretoria e começamos a batalha então pra comprar a área de terra, que foi uma coisa muito simbólica porque foi comprada direto com o proprietário e a associação, então foi falado teve a reunião e tudo e o pessoal achava que não, que isso não ia acontecer, que não podia acontecer, que iam dar dinheiro e ia se botar fora, mas aí a gente começou a batalhar com o pessoal e aceitaram. Eu não conhecia o proprietário, mas conhecia pessoas que o conheciam, se fez uma reunião na Prefeitura, falei com ele e ele disse que fazia negócio com a Associação, se fez carnês de trezentos cruzeiros naquele tempo e pagava-se na Caixa, a gente abriu uma conta na Caixa Estadual e teve também pessoas de Porto Alegre que me ajudaram e foi-se então uns meses e depois o pessoal não queria mais, depois queria e eu sempre querendo comprar pra gente hoje ter a casa da gente direito, aí resolveram comprar e o proprietário fez um preço simbólico, compramos e a gente tem uma escritura mas não individual, uma escritura coletiva e daí que começou o trabalho né, a gente tinha uma diretoria, fizemos os carnezinhos se entregou, pagavam na caixa todo mês, e isso aconteceu com muita luta, muito sacrifício até, mas se comprou, teve uma firma que também ajudou a gente a pagar e aí foi feita essa compra na própria Prefeitura, naquele tempo a gente tinha um Prefeito que sempre nos dava muita força e aí passou e a gente começou a melhoria das casas (...)  
(Esperança, 2002)

A medida que Esperança conta a história política da Vila vai traçando os passos que o grupo liderado por ela foi percorrendo na busca das melhorias necessárias. O seu papel de líder principal no processo de criação da Associação acontece como uma *práxis – uma ação*,<sup>26</sup> processada através de seu instrumento principal, o discurso(a palavra). Esta práxis é o âmbito da vida política, onde surgem os interesses e as lutas dos seres humanos que convivem em grupo.

Por sua vez, Negrinha acompanhou o processo inicial visando a aquisição da propriedade, pois é muito próxima, como ela diz, da amiga Esperança:

(...) a vila hoje em dia é outra coisa, nós estamos hoje em dia no céu, têm muitas coisas que ainda precisamos conquista, apesar que eu acho que o pessoal que tá agora na diretoria da associação tá meio parado, foi uma batalha muito grande, eu e a Esperança muito enfrentemos aí trabalhando por essa gente, batendo de casa em casa, fazendo cadastro, fazendo tudo pra sabe quantas pessoas tinha na família, quantas famílias tinha na vila, quantas pessoas tinha na vila, tudo isso foi feito e tudo a caneta, tudo a mão eu e a Esperança que fazia, nós trabalhemos muito nisso aí, pra ver a compra dessa terra, que agora é uma lástima né, que tá tudo atrasado os impostos né, a gente nem sabe pra quem se dirigi, os terrenos não foram separados e os últimos impostos nós paguemo pra associação e não foi pago na Prefeitura, a gente pagou o imposto e o dinheiro foi perdido e agora tá eu não sei quantos anos atrasado, a gente se propõem a paga mas o Prefeito não quer receber individual, ele que recebe ao todo, e o todo o pessoal não que se reuni e paga, muita gente não se dispõem a dá, e aí o que é que a gente vai faze, a gente sozinha não pode paga tudo (...) (Negrinha, 2002)

*Foi uma batalha muito grande, eu e a Esperança muito enfrentemos aí, trabalhando por essa gente.* Nesse relato o conceito do trabalho como “ação”<sup>27</sup>, é a atividade política desenvolvida por essas mulheres junto aos moradores, para aquisição da área física que ocupavam. A depoente descreve que foi difícil desenvolver esse trabalho, mas a recompensa veio junto com as melhorias que aconteceram após a compra do terreno. (...) *a vila hoje em dia é outra coisa, nós*

<sup>26</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, *O que é Trabalho*, p. 48-49.

<sup>27</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 31-34.

*estamos hoje em dia no céu. Ela refere: têm muitas coisas que ainda precisamos conquista*, ainda existem ações para serem iniciadas e que dependem da constante participação dos moradores.

Em 1987 foi firmada a compra e posteriormente assinada a escritura de posse coletiva do terreno pela Direção da Associação.

Em meio a essas negociações continuavam e se agravavam os problemas de infra-estrutura hidro-sanitária, moradia, educação e saúde.

Alguns grupos de mulheres da Vila continuavam a reivindicar melhorias frente ao Poder Público; outros se desarticularam. É importante e apreciável lembrar aqui que as mulheres vêm sempre assumindo, ao longo da história política desta Vila, um papel de líderes capazes e com certo êxito, de fazerem a linha de frente nas lutas diárias e na busca de soluções para os problemas de sua coletividade.

No ano de 1989 uma Organização Não Governamental (ONG) - com sede no município de Esteio, procurou o Poder Público (na figura do Prefeito local) e solicitou que o mesmo indicasse uma vila que tivesse interesse e disposição para participar de um Projeto de Ação Comunitária. Essa ONG queria centralizar suas atividades em um só local e, se possível, desenvolver suas ações junto aos moradores. Como a sugestão do Prefeito foi a Vila *Pedreira*, a ONG passou a planejar ações contando com a participação dos moradores.

Em sua entrevista, Esperança relata o episódio da aproximação da ONG com a Associação de Moradores da Vila *Pedreira*, ao dizer que: *tinha dois sonhos, o de compra da propriedade e o outro que tivesse uma Escola na Vila. Através da*

parceria com a ONG, foi possível o financiamento internacional de verbas (EUA) para a construção de um Centro Comunitário com Escola, *uma bonita escola, que tem muito lugar aqui na cidade que não tem* (Esperança, 2002). Ela lembra que o trabalho da Associação em conjunto com a ONG possibilitou muitas melhorias na Vila: Posto de Saúde com atendimento odontológico, regularização do sistema de esgoto e de iluminação pública, calçamento das ruas e calçadas. Pelo relato de Esperança percebemos que o papel da ONG teve repercussão positiva na Vila:

(...) a gente também não tinha luz, que isso aqui tudo era um fio só, um pegava luz do outro era uma confusão, aí entrou a luz, mas nesse meio tempo a gente conheceu uma ONG, conheci o seu presidente dentro da Prefeitura, foi apresentado pelo Prefeito e na conversa ele disse que a ONG tava procurando uma vila em que eles pudessem desenvolver um trabalho, e eu tava precisando muito dentro da nossa vila que a gente tivesse um colégio, aí falei pra ele e ele disse pois é então vamos ver se a gente trabalha junto. Passou um tempo ele nos procurou, fizemos uma reunião, apresentei ele pra comunidade e todo mundo aceitou e essa ONG começou a trabalhar em nossa vila, o meu outro sonho depois da compra da propriedade, era uma Escola aqui dentro da vila, e essa escola foi construída com ajuda do pessoal dos EUA através da ONG, a Prefeitura e a comunidade. Então agora a gente tá com uma escola bonita aqui dentro da vila que até tem muito lugar aqui na cidade que não tem, a gente tem que agradecer a todos que participaram, a gente tem na escola: dentista e uma sala que funciona como Posto de Saúde da vila. Foi junto com essa ONG que conseguimos o esgoto, arrumar a luz, fazer o calçamento das ruas e calçadas. (Esperança, 2002)

Esperança relata: *Foi junto com essa ONG que conseguimos o esgoto, arrumar a luz, fazer o calçamento das ruas e calçadas.* A relação de parceria entre Associação e ONG se expressa bem com a afirmação da depoente, o trabalho conjunto, a ação como praxis, surge quando as pessoas se reúnem e agem em conjunto para resolverem assuntos comuns de uma localidade.

No ano de 1989 esta ONG deu início ao processo de aproximação com a comunidade, principalmente junto aos membros da diretoria da Associação. Os contatos iniciais giraram em torno de temas básicos, como as origens da Vila, sua

história, modos de vida da população, reivindicações dos moradores e perspectivas para o futuro.

A diretoria, na figura da sua presidente, a entrevistada Esperança, e o vice-presidente, seu esposo, relataram as dificuldades de mobilização e organização dos moradores: segundo seu depoimento, as pessoas eram muito acomodadas e participavam pouco junto à Associação. Referiam também à falta de vontade política do governo municipal, destacando que, se não fossem alguns empresários e deputados se interessarem pela Vila, nada aconteceria, em termos de melhorias sociais.

A equipe técnica da ONG era constituída por uma professora de Ensino Fundamental, um cientista social, uma médica geral comunitária e duas enfermeiras. Após contato sistemático com os participantes da diretoria da Associação, e a partir de seus comentários em visitas e conversas, identificamos que havia pouco entrosamento entre os mesmos. Notou-se a presença de uma luta interna pelo poder.

Durante sete meses a equipe técnica desta ONG visitou as duzentas e oitenta e sete famílias residentes na Vila Pedreira, para coletar as informações necessárias para a preparação de um diagnóstico. O principal objetivo da visita era conversar, conhecer as pessoas e suas opiniões sobre a Vila.

Os moradores contavam sobre suas histórias de vida e sua participação nos movimentos reivindicatórios locais, descrevendo suas experiências de trabalho, de moradia, da baixa qualidade de vida que tinham, de seus anseios, impressões sobre

o que lhes acontecia e de suas perspectivas. Em geral, expressavam desesperança e descrédito em relação aos que deles se aproximavam.

A presença de nossa equipe trazia, mais uma vez, a lembrança dos muitos outros grupos ou políticos que por ali passaram – conversando e propondo – e nunca mais voltaram.

As mulheres declaravam que estavam desanimadas com a situação da Vila. Diziam que o poder público não mostrava interesse pelos problemas da Vila. Algumas mães diziam: *as crianças vão para a escola caminhando no meio do barro e do cocô*. (Moradoras da Vila Pedreira, 1989).<sup>28</sup>

Cada morador relatava seus problemas particulares ou os de sua família, com muitas sugestões e também muitas dúvidas, procurando saber nossa opinião sobre a situação da vila e sobre as ações da Associação de Moradores.

A queixa da maioria dos moradores era a falta de infra-estrutura básica, como já destacado. As famílias que moravam há mais de trinta anos na Vila expressavam seu descontentamento pelas modificações sociais que aconteceram durante esse período. O Sr. Pedro da Rosa<sup>29</sup> e sua esposa, Sra. Elíria, representavam essas primeiras famílias que ali foram viver dizendo que “aumentou muito o número de casas, a especulação imobiliária cresceu, o comércio da luz é negativo e aumentou

---

<sup>28</sup> Márcia L. RIETH, Márcia S. VEECK, *O Processo de Formação de um Serviço de Saúde como Prática de Educação Popular*, p. 25.

<sup>29</sup> O senhor Pedro e sua esposa dona Elíria representavam as primeiras famílias que iniciaram a formação da Vila Novo Caminho. Sr. Pedro trabalhava no DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), na atividade de exploração da pedreira que existia no local da vila, na extração de pedra. Dona Elíria mãe de onze filhos desde cedo trabalhou como obreira na Caritas, uma organização internacional da Igreja Católica. Caritas é caridade em latim e, tem forte inspiração assistencialista e paternalista, usada para designar a esmola.

a violência interna”<sup>30</sup>, todos fatores que interferiam, certamente, na qualidade de vida daquelas pessoas.

Alguns moradores mais antigos contaram que constituíam comissões, reivindicando junto às autoridades por água e luz – mas logo se esvaziavam os movimentos: *Não adianta nos unirmos, porque poucos ajudam e a maioria não se entende, só brigam. O pessoal vai até armado para as assembléias de moradores.* (Moradores da Vila Novo Caminho, 1989)<sup>31</sup>.

Segundo alguns depoimentos, em época de eleições, muitos candidatos iam até aos moradores prometendo mudanças, mas poucos cumpriam. Alguns moradores nos perguntavam, às vezes, até de forma ríspida, quais seriam nossas intenções em relação a eles. Seríamos iguais aos políticos de quem falam tão mal? Era compreensível tanta insegurança e descrédito, pois praticamente não sabiam de onde e nem porque aquela ONG aparecera por ali.

O que vocês querem nesta vila? Vocês têm outro emprego né? Vocês logo vão desistir, porque aqui as pessoas são muitos ignorantes e não merecem a paciência de vocês. O Posto de Saúde fechou porque o povo daqui espantou o médico e a enfermeira, queriam até roubar o carro do médico e dar uma surra nele em certo caso que aconteceu.<sup>32</sup>

Foi importante naquelas visitas perceber como os próprios moradores viam a Vila e observar como as pessoas percebem seus papéis sociais, enquanto sujeitos de um processo de desenvolvimento, de organização e de ação popular. Seja dentro da Vila, seja nos segmentos populares aos quais pertencem, a falta de autoconfiança e auto-estima individual e coletiva era marcante.

---

<sup>30</sup> Cf. Márcia L. RIETH, Márcia S. VEECK, *O Processo de Formação de um Serviço de Saúde como Prática de Educação Popular*, p. 25.

<sup>31</sup> Idem, *Ibidem*, p. 25.

<sup>32</sup> Id., *Ibid.*, p. 26.

A depoente Isabel Cristina demonstra sua preocupação com os moradores da Vila Pedreira e suas perspectivas de vida, afirmando que os moradores não buscam empregos ou outras alternativas *buscativas*; que faltaria visão a essas pessoas, acomodadas na espera de soluções vindas do Poder Público ou de uma ONG, quem sabe. Isabel atribui esse comportamento a um sentimento de desvalorização pessoal, a um baixo grau de instrução, desrespeito e desinteresse pelos benefícios locais que já haviam conquistado:

Porque as pessoas não buscam empregos ou outras *buscativas*<sup>33</sup>, a minha mágoa é essa dentro da minha vila, eu sei que não é o governo que tem que prestar isso, não é a sociedade que tem que presta isso, não é a Secretaria da Saúde, não é a ONG, não é a direção da escola, isso tem que vim tudo de nós um pouquinho, mas o que é que nós tamos precisando hoje, acho que de uma psicóloga ou alguém que faça nós te uma visão, e que não nos facilite muitas vezes, deixe nós senti, porque eu tive esse método pela própria ignorância da minha família, e talvez se a minha família me desse muitas camas estendidas, muitos berços, muitas coisas que eu sempre quis ter, tem horas que eu condeno minha família pelo que passei e tem horas que eu defendo ela, pelo que aprendi. Não sei mas eu acho que tem alguma coisa com o nosso povo daqui da Vila *Pedreira*, (...) agora eu pergunto porque é que essa nossa vila não se auto-valoriza e não sabe valoriza uma praçinha como a do centro, eu acho que é diferente, eles não têm um respeito, eles não tem uma formação, eu não sei explica, e o que eu condeno hoje, cobro muito aqui, critico muito que ta faltando, são atividades para as crianças na escola, elas participarem da limpeza e manutenção da escola, além do lazer, mas muitos pais condenam essa participação dos filhos e alegam que os funcionários tão ganhando pra isso. Daí eu fico me perguntando, afinal o que é que eu tenho a ver com isso (...) (Isabel Cristina, 2002)

Quando a depoente se refere ao descaso e desrespeito dos moradores da Vila pelo patrimônio público, principalmente as crianças e adolescentes, sugere que essas crianças precisam de atividades educativas. A maior parte do tempo na vida dessas crianças é ocioso, abrindo-se facilmente espaços de ocupação com atividades consideradas ilícitas pela sociedade: os pequenos furtos, a drogadição e os maus tratos.

---

<sup>33</sup> *Buscativas* é um termo de linguagem popular, não usual na língua portuguesa, que a entrevistada Isabel Cristina usa em alguns de seus relatos - significando: opções, alternativas e modalidades.

A entrevistada relata: *as pessoas não buscam empregos ou outras buscativas, a minha mágoa é essa dentro da minha Vila, eu sei que não é o governo que tem que prestar isso, não é a sociedade, não é a Secretaria da Saúde, não é a ONG, não é a direção da escola, isso tem que vim tudo de nós um pouquinho.* Sua preocupação com o trabalho como atividade remunerada fica evidente, as pessoas também precisam de espaços onde possam trocar o que produzem com suas próprias mãos, por remuneração. Se os moradores da Vila puderem vender sua fabricação(criação), isso reverte para que eles também possam consumir e Isabel Cristina refere que esses estão acomodados, esperando que as coisas sejam trazidas até eles. Talvez os moradores da Vila encontrem dificuldade em dar sentido às suas vidas se não for pelo trabalho remunerado.<sup>34</sup>

Além da questão da difícil possibilidade pelo trabalho remunerado por parte dos moradores, a violência dentro da Vila também é um fator social relevante. Existe um alto índice de drogadição entre crianças e adolescentes, principalmente com o uso do chamado “loló”<sup>35</sup> ou “cola de sapateiro” que é feita à base de uma substância química identificada como *tolueno*<sup>36</sup>. A venda e o tráfico de drogas acontece diariamente no interior da vila<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, *O que é Trabalho*, p. 23-24.

<sup>35</sup> O Dicionário da Língua Portuguesa “Aurélio” define o ‘cheirinho-da-loló’ como uma mistura de fabricação caseira, que contém uma ou mais substâncias anestésicas líquidas, cujos efeitos embriagantes se assemelham aos do lança-perfume. Também se diz apenas ‘loló’.

<sup>36</sup> *Tolueno* é um líquido incolor com cheiro característico, obtido na destilação do petróleo e do carvão.

<sup>37</sup> Já tivemos a oportunidade de presenciar a chegada de automóveis luxuosos e caros, que param na frente de alguns barracos e procedem seus negócios. Se o carro último modelo não quiser entrar na vila, não tem problema algum, os filhos pequenos do traficante ou vendedor levam a encomenda até o local onde estiver o carro.

As crianças e os adolescentes usuários do “loló” e envolvidos com pequenos furtos e assaltos não conseguem mais sair da rua. Têm dificuldade em se adaptar à escola formal porque estão fora da idade escolar e não se sentem atraídos pelo que a mesma lhes oferece. Não conseguem aprender a ler e escrever porque não ficam na escola, estão drogados e com fome, sem concentração mental para qualquer atividade. Muitos deles já são pais e mães e precisam sustentar seus filhos, buscando saídas que, muitas vezes, atrapalham suas vidas.

A entrevistada Negrinha faz referências à violência e às drogas na Vila. Ela lembra que na época que seus filhos eram adolescentes os casos de violência eram mais presentes – *apareciam pessoas mortas e ninguém sabia sobre o ocorrido*. Foi um período em que as pessoas tinham medo de sair de casa à noite, hoje, refere ela, a violência é menor. A depoente preocupada com o “loló” designa-o como uma “doença, um inço triste que destrói tudo; é uma tristeza ver essa gurisada”:

Eu acho que a vila já teve pior com a violência, tá certo que naquela época não existia esses tal de “loló”, essa gurisada que é uma tristeza a gente vê, agora na época que eu criei os meus filhos era pior, porque naquela época as pessoas apareciam morta aí sem ninguém sabe quem foi, foi uma época muito violenta, a gente tinha medo até de sair na rua de noite, hoje em dia existe esses “loló” que é uma doença, é um inço triste que destrói tudo né, mas na violência hoje tá mais calmo até, apesar que eu quase não saio de noite assim, chegou a noite eu me recolho dentro de casa e não vejo o que acontece, porque pra vive aqui tem que sabe vive, a gente muitas tem que vê e faze que não vê, se quize vive bem né (...) (Negrinha, 2002)

A ONG voltava parte de seus programas para grupos de crianças e adolescentes, na tentativa de preservar esses grupos das problemáticas de drogadição e violência. Eram desenvolvidas atividades associadas ao lazer, esporte, teatro, literatura e dança, onde os participantes cooperavam na escolha e planejamento dos programas. Buscava-se, com isso, que essas crianças e jovens,

percebessem a importância que tinham para o desenvolvimento de suas vidas e de sua localidade.

Procurando aproximar-se, cada vez mais, dessas crianças e adolescentes, a ONG desenvolveu atividades com os familiares das mesmas – as mães.

Sendo que, um dos programas de maior aceitação na vila iniciou-se em fevereiro de 1990 – um trabalho com grupos de mulheres - onde eram tratados assuntos relacionados à saúde e à vila. Formaram-se cinco grupos distintos, espalhados por diferentes áreas da comunidade; cada grupo tinha uma líder - que normalmente cedia sua casa para os encontros, convidando suas vizinhas para participarem das reuniões, que aconteciam uma vez na semana, sendo que cada grupo tinha um dia da semana específico, encontros com duração de uma hora e trinta minutos, reunindo em média dez mulheres, em cada grupo, em que um membro da equipe de saúde participava das discussões. Os grupos escolhiam os assuntos sobre os quais preferiam conversar e, ressaltavam a resistência de outras mulheres para participarem, algumas participantes diziam, (...) *elas não vêm porque são desinteressadas e acomodadas* (...) (Grupo de mulheres, 1990).<sup>38</sup>

Nos encontros das mulheres eram utilizadas técnicas de dinâmica de grupo, o que proporcionava mais oportunidades de participação àquelas mais tímidas.

Nas avaliações dos encontros eram comuns as manifestações de aprovação pelas atividades, porque referiam que *sentiam-se bem, se divertiam, saíam da rotina*

---

<sup>38</sup> Márcia L. RIETH, Márcia S. VEECK, *O Processo de Formação de um Serviço de Saúde como Prática de Educação Popular*, p. 34.

*diária, contavam suas histórias e podiam estreitar laços afetivos com suas vizinhas e conhecidas, enquanto preparavam chimarrão, mate-doce, pipoca e broa de milho.*<sup>39</sup>

Isabel Cristina relembra as atividades das mulheres nesses encontros: canto coral, lazer, trabalhos manuais(costura), ressaltando a importância que tinham os momentos de orientação psicológica. Nesse relato ela demonstra sua decepção e preocupação com os moradores da Vila e o desinteresse pela participação em programas sociais. Algumas mulheres não freqüentavam esses encontros e a depoente associa esse fato a um sentimento de desvalorização:

(...) se tivesse uma capacitação, uma psicóloga, uma orientadora, como já teve aqui na escola, aqueles grupinhos, nem que fosse pra cantar, nem que fosse pra se distrair, tinha sala de costura, não vinha quase ninguém, mas uma que vinha servia pra ela, era pouco, mas pra nós aquilo era muito, só que eram poucos para valoriza né, agora pra pedi, pra alega e pra reclamar é o que mais tem né, é isso que até hoje eu não consigo entender assim ó, como que pode nós quere, se quando tem, a gente não valoriza, a gente não mostra o interesse, o que é que vai ser de mim com os meus filhos. (Isabel Cristina, 2002)

Os temas discutidos coletivamente eram os mais diversos: saúde da mulher e dos filhos; violência doméstica; a vizinha que atira o lixo no terreno contíguo; o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Saúde da vila; a escola dos filhos; o trabalho da diretoria da Associação de Moradores; o projeto de urbanização da vila; o centro comunitário; a violência dentro da vila, além do papel das mulheres no trabalho comunitário e na sociedade.

Essa atividade com os grupos de mulheres desenvolveu-se durante três anos, inicialmente nas casas das participantes e, com o tempo, em uma sala do Centro

---

<sup>39</sup> Idem, *Ibidem*, p.34.

Comunitário, a partir desse momento, com um único grupo semanal, com a participação de quinze a vinte mulheres, com duração de até três horas.

Negrinha também lembrou do trabalho do grupo de mulheres, do qual ela sempre participou, lamentando muito quando cessaram os encontros, referindo que gostava do aprendizado da costura de acolchoados e das receitas culinárias. O sentimento da necessidade da busca pelas coisas que se almeja fica aparente quando ela relata que *temos que pescar e não ganhar a vara e o peixe na mão*: O trabalho que era feito na escola se traduzia pelo conceito de “ação”.<sup>40</sup> Que só acontecia porque se dava *entre* as mulheres, sem a necessidade da mediação das coisas e capacitada pela pluralidade humana. Cada uma das mulheres com a sua singularidade é capaz e necessária no grupo que participa. Uma ação de acolchoar, preparar uma receita nova de culinária, aprendendo e ensinando, agindo e transmitindo suas palavras, a partir das experiências vividas por cada uma delas.

É que nem aquele trabalho que se fazia na escola, a gente acolchoava, mas quem queria tinha que ajuda, tem que pesca, não é ganha a vara e o peixe já na mão, tem que aprende, e a vida é um aprendizado, todo dia a gente tá aprendendo, né, ou é uma receita de uma comida que a gente aprende (...)  
(Negrinha, 2002)

As mulheres com seus atos e palavras, mantiveram esses encontros até meados de 1994, que foram esvaziando-se aos poucos. Elas foram saindo do grupo, mas satisfeitas e nós também - por diferentes motivos: algumas conseguiram um emprego; outras procuraram se libertar da relação desequilibrada que tinham com o companheiro e separaram-se, tomando conta de sua própria vida; outra ainda (a que apanhava do marido bêbado) passou a denunciá-lo e procurou assistência psicológica para ela e para a doença dele. Algumas referiram que os encontros do

---

<sup>40</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 189.

grupo possibilitaram auto-reflexões que motivaram para a busca de soluções para os problemas que mais lhes afligiam. Elas nos contavam que sentiam-se bem consigo mesmas desde que participavam dos encontros e que enfrentavam de forma mais decisiva suas dificuldades.

Essa experiência, como enfermeira, no trabalho com o grupo de mulheres e como pesquisadora na coleta de relatos de histórias de vida permitiu que nós pudéssemos perceber e testemunhar como essas mulheres pensam e “sabem” de suas vidas, de suas famílias e de sua Vila. É fácil entender isso, uma vez que são as próprias mulheres que, não poucas vezes, são chefes de família, cuidam e sustentam os filhos. Elas que têm dificuldades com a falta de água e luz, com o barro das ruas, com a falta de alimentos e de vestuário, ou mesmo do gás para cozinhar. As mães que precisam ir à escola, ouvir as reclamações dos professores(as) sobre seus filhos. Os maridos esperam que elas levem os filhos doentes ao Posto de Saúde ou ao hospital. Muitas vezes, são elas que se prostituem, roubam, vendem drogas e bebem, buscando saídas financeiras ou tentando esquecer das dificuldades. Não raro, precisam também de disposição para atividade sexual com um companheiro que as agride, por quem elas não sentem afeto - ou ainda, homem de muitas mulheres.

Reforçando as idéias acima Isabel Cristina conta sobre o papel decisivo das mulheres nas situações diárias pelas quais pode passar uma família de vila popular urbana. Apesar de hoje em dia a mulher permanecer um período curto de tempo em casa porque trabalha, ter um emprego para o sustento dos filhos, ainda é a responsável pelo que acontece dentro de casa. As providências em relação a

comida e vestuário recaem sobre seus ombros e o estresse da vida familiar resulta num ambiente de revolta, agressões e insatisfação:

(...) eu acho que hoje em dia a mulher vive mais no trabalho, na batalha, mais na busca do que o homem, o homem já se acomodou hoje, é pouco homem que tem vergonha, brio, assim respeito, de se olhar num espelho e senti assim ó: o meu filho não tem um pão eu vou buscar, ah, hoje os meus pais vão vir na minha casa, ah, a mulher que se vira, eles não tão nem aí, eles sabem que chega na hora a mulher dá um jeito e o homem não tá nem aí pra serviço, não tá nem aí de onde vem as coisas, ela sempre quando chega o meio dia, ela dá um jeito, nem que seja pra depois encher a cara e brigarem uns com os outros e tarem se maltratando, aquela baixaria de família, entre pais e filhos e entre mulheres e maridos, então assim ó, isso aí tá uma vulgaridade hoje (...) (Isabel Cristina, 2002)

Esperança relata: *eu acho que hoje em dia a mulher vive mais no trabalho, na batalha, mais na busca do que o homem; o homem já se acomodou; o meu filho não tem um pão eu vou buscar.* A entrevistada atribui à mulher o compromisso de prover o sustento da casa, dos filhos e do marido, através de seu trabalho remunerado. Além do trabalho que desenvolve diariamente no espaço doméstico. *É pouco homem que tem vergonha, brio, assim respeito:* conta Esperança que, hoje em dia, o homem compromete-se pouco com as responsabilidades junto a sua família.

Segundo Oliveira<sup>41</sup> nas últimas décadas houve uma mudança no comportamento dos homens, eles não evoluíram na mesma proporção que as mulheres – existe hoje um problema de desigualdade na relação entre os sexos. Talvez os homens sintam-se ameaçados pelas mulheres e reagem de várias formas: com violência física e simbólica (verbal), por viverem uma crise de identidade, que talvez os afaste das relações de família.

---

<sup>41</sup> Cf. Rosiska de OLIVEIRA, *Mulheres no limite*.

São essas mesmas mulheres que batalham para sair dessa situação de desequilíbrio pessoal e familiar: voltam a estudar, procuram um emprego, são líderes em sua vila, experimentam a sobrevivência sem os companheiros inconvenientes, são mães carinhosas e estão sempre zelando pelos filhos, gostam de se enfeitar, pintam e alisam os cabelos, são perfumadas e vaidosas.

Mas é através da observação de um grupo de mulheres de uma vila popular urbana que é possível entender melhor como se estruturam as relações e mecanismos sociais, como essa própria localidade se representa e o que ela pensa de si mesma.

As mulheres da Vila *Pedreira* – representadas neste estudo pelas três entrevistadas, entendem que sua vila melhorou, apesar de todas as dificuldades que ainda enfrentam, que muitos fatos positivos aconteceram nos últimos dez anos. Os projetos de escola, posto de saúde, infra-estrutura básica, luz e urbanização, foram acontecendo aos poucos – e existem também promessas de que os terrenos serão medidos e alinhados individualmente, a partir do segundo semestre de 2002.

Isabel Cristina tem carinho pela localidade onde vive e sente-se satisfeita em poder permanecer ali com seus filhos – a vila é a família dela:

(...) e faço da minha vila onde eu moro, minha residência, minha casa, minha moradia, minha família é ali, meus filhos saem e eu pra mim ficando na vila tá bom, não é aquele negócio assim, ah, eu não tenho pra onde ir, que porre que saco, em sabe que eu to na vila pra mim tá bom... (Isabel Cristina, 2002)

A satisfação expressada, pela depoente acima, ao relatar: (...) e *faço da minha Vila onde eu moro, minha residência, minha casa, minha moradia, minha família é ali; em sabe que eu to na Vila pra mim tá bom*. Nessa localidade que tanto lhe

agrada ela sente-se bem porque é com seus atos e suas palavras que ela ali insere-se<sup>42</sup> – onde assume e confirma sua disposição de participar. Ela é responsável pela Vila que lhe traz prazer e satisfação.

Ainda relatando sobre a satisfação das mulheres em relação à Vila, outra entrevistada – Esperança - refere com alegria a boa impressão que a vila causa nas pessoas de fora, que ao olharem para o interior da vila podem visualizar o quanto ela é bonita. *Mas deu muito trabalho* conta esta depoente trabalho significando “ação”, dispensado pelas lideranças locais, que conseguiram construir muito: infraestrutura básica, escola, urbanização, telefone – sentimento de satisfação. A “ação e o discurso” dessas lideranças foram os responsáveis pela construção de uma vida em comum, plena de eventos que posteriormente podem ser narrados como história e estabelecer a biografia desta localidade.<sup>43</sup>

O Pessoal da *faixa*<sup>44</sup> que a gente chama os do outro lado dos trilhos diz que olha a vila lá de fora e parece que é tão feia, e quando entra lá dentro, é tão bonito, agora a gente tem telefone, as ruas calçadas, a gente tá com a vila completamente diferente, mas deu muito trabalho, por isso que eu digo a gente tem que se dispor a fazer as coisas e seguir em frente e sempre com a ajuda das pessoas porque a gente sozinho não consegue, e tem até hoje a escola, a gente brinca as vezes que é o coleginho, mas não é um coleginho é uma escola enorme, então é mais uma coisa que a gente tem que agradece sempre e que a gente batalhou muito para ter essas coisas. (Esperança, 2002)

Ainda observando a Vila, quando conversamos sobre ela com pessoas que não moradores, somos lembrados de episódios de violência e marginalidade que lá ocorreram. As pessoas da cidade alegam preocupação com seus moradores e o modo como alguns vivem, principalmente com muitas crianças e adolescentes que

---

<sup>42</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 189.

<sup>43</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 108-109.

<sup>44</sup> O termo *faixa* é utilizado pelos moradores da Vila Novo Caminho para designar a avenida central do município.

estão espalhados e soltos pelas ruas centrais da cidade. Os semáforos servem como ponto de venda de jornais, mas também, local para pedidos de esmolas e quando possível, pequenos furtos. Os representantes do comércio, no centro da cidade, sentem-se ameaçados pela presença dos “meninos lolozeiros” e esperam providências do poder público municipal.

Enfocando também a situação da violência infantil, as mulheres entrevistadas mencionam o que percebem sobre a questão da infância na vila e seus reflexos na cidade. Isabel Cristina relata que *conseguiu criar os filhos nesse meio violento da vila. Os seus filhos sempre puderam conviver com os drogaditos dentro da vila sem que esse convívio interferisse de forma negativa no seu desenvolvimento social.* Refere que tem *filhos comunicativos, carismáticos, humanos e preocupados e envolvidos, tanto como ela, nos problemas sociais da vila. Ela sente-se satisfeita por ter repassado aos filhos seus princípios de respeito e compaixão ao ser humano.* Evidencia-se nesse caso, que apesar da situação violenta e marginalizada da infância da Vila, foi possível a algumas mães encaminharem seus filhos na educação, de forma satisfatória.

(...) eu sinto que os meus filhos criaram aquilo que eu procurei, eles aprenderam eu acho que tudo aquilo que eu tentei busca, o lado humano, um carinho, um gesto, não porque sou filha, nem porque eram meus pais, mas eu sempre tentei passa pros de fora pra pode esquecer um pouco aquilo ali, e os meus filhos conseguiram pega bem isso aí, eles são bem humanos, eles são dados, são comunicativos, eles tem o lado deles brutal, mas ao mesmo tempo eles tem um lado carismático deles e eles convivem bem dentro de uma vila, porque eles tão sendo criados aqui dentro, eu não tenho medo de deixar os meus filhos ficar no campo de futebol ou fica numa turma de drogaditos ali conversando porque eu já disse pra eles, vocês serem amigos é uma coisa, fazerem, participarem pra te um amigo é bem diferente, amigo não se compra e não se vende, nem se entrega, amigo é aquele que é amigo e mostra, olha fulano eu sou teu amigo mas eu não vou no teu caminho porque o teu caminho pra mim tem problema, não dá, tu não tá virando as costas pra ele,

não tem que tá entregando ele. Sejas tu não importa quem ele é, tu sabendo quem tu é, evita certos momentos e horários, tu sabe, se a polícia te pega ela não quer saber quem é quem, eles botam todos juntos, até tu prova que tu não tem nada a ver, tu já passou por teus vexames e aí só Deus sabe o que vai ser da tua cabeça, mas eu não quero é impedi vocês de ter as amizades de vocês com quem quer que for, só que vocês tem que saber horários tem que saber momentos. O que eu sinto hoje assim sabe, na realidade é a falta de um atendimento psicológico, uma valorização, uma capacitação, uma oficina de aprendizagem pra essas crianças (...) (Isabel Cristina, 2002)

Isabel Cristina descreve as crianças e adolescentes em situação de risco social na Vila, declara sua preocupação com esse segmento da população sugerindo: *programas com orientação psicológica (procura de autovalorização) e oficinas visando aprendizagem e capacitação das crianças*. Ela traz as questões-problema da Vila para dentro de sua história, acompanhadas de comprometimento pessoal e indicações para sua solução.

Ao papel e compromisso de mãe ou responsável pela educação dos filhos e de outras crianças, referendado às mulheres, denominamos aqui de “labor”<sup>45</sup>, que tem como condição humana básica a vida das pessoas. Através do trabalho desempenhado como “labor” as mulheres asseguram a sobrevivência de sua família. Com atividades de esforço rotineiro, cansativo e passivo porque o “labor” move-se sempre no mesmo círculo, produzindo o que é necessário ao processo da vida humana.

Todos os problemas sociais que já citamos e que envolvem as crianças e adolescentes da vila estão, segundo outras pessoas da cidade (lideranças), vinculados ao fato das mesmas pertencerem a uma vila popular. Existe uma tendência das pessoas, que pouco conhecem as problemáticas sociais da infância,

---

<sup>45</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 109-111.

de associarem essas dificuldades da criança pobre às localidades urbanas igualmente pobres. A vila popular urbana é, muitas vezes, determinada como o meio e a única responsável pela situação dessas crianças e suas famílias.

A depoente Negrinha descreve como ela vê essa relação da vila popular com a situação de seus moradores e relata que *não é o lugar que faz as pessoas; é a gente que faz a vida da gente*.

Tem gente que diz que o lugar é que faz as pessoas, eu acho que não é, é a gente que faz a vida da gente, se fosse pelo lugar então, os meus filhos teriam que te sido tudo..., que esse lugarzinho aqui foi muito ruim, agora hoje em dia não, é um lugar muito bom de mora, mas existe muita coisa que não tá no sistema de vida da gente né, no ritmo de vida da gente, deu pra cria os filhos bem porque a gente sempre procuro passa o que a gente aprendeu, e nós sempre fomos pobre, eu me criei pobre (...) (Negrinha, 2002)

Ao dar seu depoimento, Negrinha lembra da Vila em época anterior, relatando: *esse lugarzinho aqui foi muito ruim, mas existe muita coisa que não tá no sistema de vida da gente né, no ritmo de vida da gente*. Ela refere-se a forma como muitos pais criam seus filhos e que ensinamentos transmitem a eles. Descreve a antiga Vila como uma localidade difícil para se viver. O tema da violência, que já foi maior, na Vila Pedreira está subentendido entre as características que esta depoente atribui ao local onde reside.

A associação entre violência e pobreza é clara quando se penetra nas ruas de qualquer vila popular de uma cidade. Nestas ruas as marcas do que denominamos violência aparecem lado a lado com claros sinais de miséria social e moral.<sup>46</sup>

Encontramos nas ruas da Vila muitas crianças, adolescentes e adultos que parecem perdidos, sem ter o que fazer. As mulheres paradas na beira da rua

---

<sup>46</sup> Cf. Alba ZALUAR, *Condomínio do Diabo*, p. 15.

conversando com quem passa e gritando com o filho que lhe falta com o respeito, as brigas entre vizinhas e marido e mulher acontecem como se fossem um teatro que chama a atenção de muitos – mas é bem real. Os cigarros de maconha são preparados nas esquinas das ruas e nos degraus das escadas de acesso à vila, o odor da “cola” dentro dos saquinhos vazios de leite e nos “paninhos” dos “cheiradores” impregna o ar. Esses meninos ficam bem tontos, anestesiados por causa de forte substância química e mal conseguem pronunciar nossos nomes e algumas palavras. Quando menos esperamos, algum adolescente, ou adulto jovem passa correndo muito rápido – está com pressa, fugindo para se esconder – porque cometeu algum delito do outro lado dos trilhos (no centro da cidade).

Então, dificuldades para encontrarem uma atividade remunerada, podem levar muitos desses jovens a se desesperarem e buscarem outras alternativas, que não as aceitas socialmente. A partir do núcleo da ética do trabalho remunerado, somente quem trabalha é cidadão – portanto cidadão-trabalhador. *A sociedade do trabalho significa sociedade da ordem e este princípio afirma que o trabalho elimina a droga, a pobreza, a criminalidade.*<sup>47</sup>

Mas dentro dessa mesma vila residem os trabalhadores urbanos de baixa qualificação, que arrumam suas casas, enfeitam-se, educam seus filhos, inventam formas alternativas de sobrevivência e tentam montar organizações para reivindicar, junto ao poder público, melhorias na Vila.

---

<sup>47</sup> Cf. Inácio NEUTZLING, *Sociedade do trabalho e sociedade sustentável: algumas aproximações*, p. 66.

Que postura temos nós diante da pobreza, que é marcada pela privação absoluta de um número espantosamente alto de pessoas no nosso país – pessoas que se transformam em meros objetos de políticas públicas ou da ação de grupos que os instrumentalizam, iludem e enganam? Discursos sobre a pobreza, montados nessa denúncia da privação absoluta e na atitude paternalista, afirmam que o pobre está preso à lógica da necessidade, que o obriga a manter-se indefinidamente na luta pela sobrevivência, aceitando o que lhe é oferecido de modo imediato e particularista. Não pensa além do que permite o instinto da sobrevivência, não cria cultura, não reage, não se revolta.<sup>48</sup>

Esse tema da acomodação e passividade é ilustrado pelo relato de Isabel Cristina, refere-se incomodada com a questão do paternalismo por parte do poder público e a postura das pessoas beneficiadas. Situação essa capaz de tornar as pessoas dependentes, desmotivadas e desacreditadas em seus potenciais individuais e comunitários, permanecendo, apenas, no aguardo da políticas públicas sociais (através das doações).

(...) sabe o que é que tá deixando o pessoal mais acomodado na minha opinião, é a comodidade que o governo tá se preocupando tanto em dá bolsas pra isso, bolsas pra aquilo, só que o pessoal não se fraga que é só época política, depois que passa aquele lado político, te dane, daí tu já passou aquela fase de três a quatro meses, de cinco e seis meses e naquele meio tempo a mulher não se preocupou em acha uma faxina porque tá levando fácil aquele dinheiro com a desculpa dos filhos, só que lembrando, filho não fica sempre criança pequena, no ponto de receber aquele ganho, o que acontece é que quando passa daquela idade as pessoas dizem que vão fazer outro, tem gente que tá tendo filhos pela bolsa do governo, eu ouço isso muito, tem gente que se arrependeu de fazer ligamento por causa dessa bendita bolsa, então eu to vendo um pouco, que o povo quer as coisas muito fácil, não se valorizam, não se prezam de ter as coisas, de ir a luta, de busca, e nem de valoriza o pouco que tem dentro de casa, porque eles acham que tá tudo hoje tão fácil, vai ali na Secretaria da Saúde porque tão dando uma

---

<sup>48</sup> Cf. Alba ZALUAR, *Condomínio do diabo*, p. 70.

medicação, vai lá não sei aonde que tão dando um leite, então eles acham que é assim ó, é só ir na fonte buscar e receber. Eu digo assim porque aonde tem essas Sociedades que dão, não colocam a disposição um trabalho, se conseguem pra dá o que comer, porque não colocam a disposição um meio de ganho também, de saber daonde vem, eu acho, na minha opinião, que a pessoa tinha que receber conforme dá, eu sempre fui desse acordo, desde berço eu já nasci assim, faz por onde, que tu tem (...) (Isabel Cristina, 2002)

Isabel Cristina também chama a atenção em seu relato para o fato de que essas doações referentes às políticas públicas não permitem que os moradores busquem o que necessitam, a partir do que eles mesmos possam produzir. Porque *não colocam a disposição um trabalho; porque não colocam a disposição um meio de ganho também; de saber daonde vem*, diz Isabel Cristina. Nesse relato o trabalho como atividade remunerada é sugerido como a solução para a passividade de alguns moradores da Vila, que o Estado e a sociedade pudessem substituir as doações dos programas sociais por oportunidades de trabalho assalariado.

Nas entrevistas as mulheres mostram-se preocupadas com a valorização do ser humano, a busca do reconhecimento das habilidades das pessoas. Pensamos que não são só fatores sociais que interferem no andamento dos movimentos de organização dessa Vila. O que primeiro é ocultado e depois destrói a organização política de uma vila é a perda do poder de organização; o poder não pode ser armazenado – só existe em sua efetivação. O poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as palavras não são empregadas para velar intenções mas para revelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades. É o poder de organização desta Vila que vai manter a

existência da união entre os moradores – o espaço potencial da convivência entre seres humanos que agem e falam.<sup>49</sup>

O fator indispensável para a geração do poder é a convivência entre os moradores desta Vila, eles só retêm poder quando vivem tão próximos uns dos outros que as potencialidades da ação estão sempre presentes. O que mantém unidas as pessoas, de uma localidade, depois que passa o momento fugaz da ação (aquilo que chamamos de ‘organização’) e o que elas, por sua vez, mantêm vivo ao permanecerem unidas é o *poder*. Todo aquele morador que, por algum motivo, se isola e não participa dessa convivência, renuncia ao poder e se torna impotente, por maior que seja a sua força e por mais válidas que sejam suas razões.<sup>50</sup>

O poder, como a ação, é ilimitado; não encontra limitação física na natureza humana, na existência corpórea do homem. Sua única limitação é a existência de outras pessoas, limitação que não é acidental, pois o poder humano corresponde, antes de mais nada, à condição humana da pluralidade.<sup>51</sup>

A Vila Pedreira pode ser um exemplo da expressão dessa pluralidade, porque ali acontecem as mais diferentes relações entre seus moradores e a partir dessas, relações com os espaços externos ao da vila. A convivência e as ações conjuntas dos moradores potencializam o poder necessário para a organização dos mesmos. Toda a ação está fundada na convivência entre os seres humanos, que vêm ao mundo, cada qual, como um ser único, sendo a mesma a responsável pela

---

<sup>49</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 212.

<sup>50</sup> Cf. . Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 213.

<sup>51</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 213.

revelação da singularidade desses atores, que através de seus discursos contam quem são, revelando, assim, suas identidades.<sup>52</sup>

Ainda a respeito da ONG, onde desempenhei atividades de enfermeira e função de coordenadora do Projeto de Ação Comunitária, esta permaneceu trabalhando na Vila *Pedreira* até o ano de 2000. Desenvolvendo vários programas de ação comunitária ao longo de onze anos: construiu a escola de Ensino Fundamental ( com recursos financeiros de uma ONG dos EUA); o Programa de Urbanização da vila (com recursos financeiros de uma ONG da Alemanha), sempre com a colaboração da Prefeitura Municipal e dos moradores da vila e lideranças da cidade.

A partir do ano de 2000 esse projeto de ação comunitária desenvolvido na Vila Pedreira, pela ONG referida acima, passou a ser coordenado pela Prefeitura de Esteio. O afastamento da ONG vincula-se à questões financeiras, as verbas que ela dispunha para o projeto, não eram mais suficientes para manter os programas ali desenvolvidos e necessários.

No primeiro capítulo, descrevemos o espaço social onde transcorrem parte das histórias de vida das mulheres entrevistadas – a Vila Pedreira. Os leitores podem observar características dessa localidade popular urbana que indicam algumas das posturas das entrevistadas. A necessidade de mudanças e melhorias na Vila é responsável, também, pelo desenvolvimento de um processo de praxis-ação por parte de alguns moradores - as mulheres.

---

<sup>52</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 191-193.

Para o melhor entendimento da interação dessas entrevistadas com sua localidade, seguimos com uma descrição individual dessas mulheres.

### 1.1 - As Depoentes

As três mulheres entrevistadas demonstraram apreciar a experiência com história oral de vida. A ansiedade para relatar era grande, principalmente de Isabel Cristina e Esperança.

Tínhamos a impressão que queriam aproveitar ao máximo aquele espaço de escuta para relatarem coisas que, talvez, nunca tenham contado a alguém. Isabel Cristina falou que alguns dos fatos que contou nem seus filhos conhecem e agora depois dessa experiência, ao ler o que ela mesma relatou quer mostrar aos filhos algumas partes de sua vida.

Elas referiram que o momento da entrevista propiciou lembranças alegres, apesar de sofrido em algumas partes. Exigindo força delas, mas servindo como auto-reflexão e análise de vida.

Agora puderam olhar parte de suas vidas de fora para dentro – um outro olhar que é capaz de proporcionar ver a realidade do passado, mas também a construção de um presente e futuro, talvez diferentes.

Nas histórias de vida das três mulheres, qualquer propósito de considerar o trabalho como um instante isolado revela-se infactível. As mulheres partem, ao contrário, do seu trabalho, que não conseguem desembaraçar da própria vida. Mas como não são vidas que, de algum modo, se completaram, o que obtemos são

fragmentos imperfeitos de uma biografia, o tecido de suas vidas tece-se com o fio do trabalho.<sup>53</sup>

### 1.1.1 - *Negrinha*

Negrinha, como ela quis que nós a chamássemos, porque era assim que o pai dela a chamava quando criança, é uma mulher com cinqüenta anos, de cor branca, casada e mãe de três filhos homens adultos. Negrinha nasceu em São Francisco de Paula uma cidade do estado do Rio Grande do Sul – na zona rural e, com seis anos de idade já trabalhava na roça. Saíam de casa na madrugada, com a luz da lua, iam à cavalo e as vezes a pé e, chegando lá na roça faziam fogo para esquentar a água do café. Negrinha nem suportava o peso da enxada, mas ajudava sua família na colheita da moranga, abóbora, pepino e milho, fazendo montes no meio da roça, o que facilitava o transporte depois. Quando voltavam da roça de noite, eram acompanhados novamente pela lua, tomavam um banho, dormiam um pouco e logo chegava a nova madrugada e todos levantavam para trabalhar. Quando ela tinha quatorze anos perdeu a mãe, contou-nos que foi uma época muito difícil da vida dela, e o pai logo casou de novo. Ela foi conhecer a cidade quando já tinha quinze anos, nasceu e se criou na zona rural, sem nunca ter se afastado da mesma.

Aos dezoito anos saiu de casa e veio morar na cidade, um tempo no município de Osório e depois na cidade onde mora até hoje. Morava com sua irmã e trabalhava como empregada doméstica, além de auxiliar nos afazeres domésticos na casa da irmã, logo após casou-se com seu atual marido, indo morar numa casa

---

<sup>53</sup> Cf. Sylvania L. de M. MELLO, *Trabalho e Sobrevivência*, p. 157.

de duas peças, cedida pelo sogro. Como na época não tinha água na vila, Negrinha, às vezes, tomava um ônibus e levava sua trouxa de roupa suja para lavar na casa de sua irmã na cidade vizinha.

O pai de Negrinha morou com ela durante nove anos. Ele sofria do mal de Parkinson<sup>54</sup> e exigia cuidados especiais como: banhá-lo, atendê-lo durante seu sono agitado e alimentá-lo.

Nessa época Negrinha trabalhava fazendo calçados em casa, e durante a Expointer (Exposição Internacional de Animais) em Esteio, limpava as cocheiras dos animais, as cinco horas da madrugada, em troca de leite, que levava para a família, tentou trabalhar numa empresa de limpeza, mas não conseguiu conciliar com os afazeres da casa e cuidados do pai e dos filhos. O pai dela faleceu quando o filho mais novo ia completar três anos de idade, a partir dessa época ela começou a sentir alguns problemas de saúde como: hipertensão arterial, diabetes e distúrbios cardíacos.

Continuava cuidando da casa e dos filhos, além de fazer crochê, que ela gosta muito, mas queria sair para trabalhar, dizia que era pouco aquela lida da casa.

Trabalhou na Vila Pedreira, auxiliando no Posto de Saúde e na Associação de Moradores no processo de aquisição da área da vila.

---

<sup>54</sup> O Mal de Parkinson é uma doença que ocorre quando certos neurônios morrem ou perdem a capacidade de atuar no controle dos movimentos do corpo. Como consequência, a pessoa com Parkinson pode apresentar tremores, rigidez dos músculos, dificuldade de caminhar, dificuldade de se equilibrar e de engolir. Como esses neurônios morrem lentamente, esses sintomas são progressivos no decorrer de anos.

Negrinha fez um concurso público para trabalhar na Usina de Reciclagem de Lixo de Esteio. Foi selecionada trabalhando nessa função até que adoeceu por tendinite, ocasionada por lesões de esforço repetitivo (LER) nos braços e mãos. Esteve algum tempo no seguro da previdência social e depois quando voltou assumiu, por indicação médica, atividades mais leves um pouco, passou a trabalhar com limpeza no Ginásio Municipal, onde trabalha até hoje.

No ano de 1996 sofreu um acidente vascular cerebral (AVC). A partir daí as dificuldades para o trabalho aumentaram, tendo que assumir atividades bem mais leves, como a limpeza dos banheiros do Ginásio, durante oito horas diárias, de segunda a sexta-feira.

Trabalha muito fazendo crochê por encomenda: faz chapeuzinhos modelo anos cinqüenta, barras de pano de prato, guardanapos e trilhos de mesa. Além de que, quando requisitada, envolve-se também nas atividades da Vila.

Negrinha não pode parar de trabalhar, pois o marido está aposentado por invalidez - deficiência visual grave (recebendo um salário mínimo mensal), e eles dois ajudam um filho desempregado a sustentar-se, e os dois netos do outro filho.

Negrinha relata estar cansando do ritmo de sua vida diária, suas atividades não rendem mais como ela gostaria, tem menos agilidade, sente-se debilitada.

Gostaria de poder aposentar-se logo e fazer só trabalho social, que sempre lhe trouxe muita satisfação. Se tivesse poder aquisitivo desenvolveria algum programa para a terceira idade, acha que os idosos necessitam e merecem mais atenção e melhor qualidade de vida.

A entrevista com a Negrinha transcorreu com muita calma. Ela foi escolhida como candidata a ser entrevistada por seu histórico de líder na Vila. Pensamos que para Negrinha não seria difícil contar a sua história, por ser uma mulher acostumada a se expressar oralmente sem timidez. A procuramos com antecedência em sua casa. Explicamos a pesquisa: que queríamos que ela nos contasse a história do trabalho em sua vida e, que seria gravado. Ela mostrou-se prestativa, marcamos um dia para conversarmos, e ela nos recebeu em sua casa.

Entrevista com direito à cordialidade, à paciência, café passado, leite quente e rissoles de frango feitos por Negrinha. Ficamos aproximadamente três horas conversando na sala da casa dela, com um ventilador pequeno ligado porque o dia era muito quente. Para as gravações foram usadas fitas magnéticas.

Fomos interrompidas algumas vezes: primeiro pelo técnico que veio consertar o telefone, depois por um vizinho e mais no final pelo marido da entrevistada. Ele estava com fome e veio tomar seu rotineiro café da tarde, que segundo ele, naquele dia seria com cardápio especial, pela nossa presença.

Negrinha é uma mulher calma e delicada ao se expressar. Relembrou com saudade dos fatos de sua vida, sempre de uma forma positiva e otimista, apesar de queixar-se muito, durante seu relato, de seu estado delicado de saúde, e de como atrapalha sua vida. Ela foi muito objetiva e direta ao contar sua história. Não é uma pessoa prolixa, demonstrando clareza do que quer contar, demonstrando organização mental cronológica dos fatos que descreve, o que facilita o entendimento da entrevista.

A entrevista com a Negrinha foi a terceira a ser feita e a mais rápida das três, sentimos que ela não demonstrava tanta ansiedade ao narrar, como no caso das outras duas, mostrava-se segura.

Negrinha emocionou-se algumas vezes, principalmente quando contou do pai e sua doença. Referindo sentir carinho e compromisso ao tê-lo assumido naquele momento de doença.

O apreço pelo trabalho com os moradores ficou bem evidente no relato de Negrinha, ela parece gostar muito da Vila à qual pertence, sentindo-se responsável e comprometida.

#### 1.1.2 - *Esperança*

A escolha do nome fictício de Esperança, para sua história, já denota algum significado importante sobre esta mulher que aqui descrevemos. Quando está desanimada com a vida, ela diz que pensa que precisa de muita *esperança* para seguir em frente.

Esperança é uma mulher negra de cinqüenta e nove anos, casada e mãe de um casal de filhos adultos, filhos que ela chama de maravilhosos, porque entende-se bem com eles, procura conversar com eles e é correspondida.

Já com o marido relata que as coisas são meio difíceis, ela acha que ele é muito temperamental, e furioso, talvez pelo agravante da ingestão de álcool em excesso. Mas, ela diz que tem fé em Deus e, então vai levando do jeito que dá, já

estão juntos há vinte e nove anos - pensa que agora não têm mais o que faça essa situação mudar, por isso procura acolhimento nos amigos.

Ela refere ter passado muito trabalho em sua vida, mas hoje, pensa que já alcançou muitas graças, e então prossegue sua vida. Trabalhou desde os dez anos em casa de família, primeiro como babá em Porto Alegre e, depois seguiu sempre nesse tipo de emprego, também depois de casada quando os filhos ainda eram pequenos, depois teve um trabalho como auxiliar de saúde no posto de saúde estadual que tinha na Vila Pedreira.

Hoje em dia diz que não precisa mais do trabalho assalariado e que gosta disso – ficar mais em casa, pois o marido está bem empregado como funcionário público de um município próximo e não há necessidade que ela tenha alguma remuneração.

O casal participa do movimento de Encontro de Casais com Cristo(ECC), coordenam vários tipos de atividades na Igreja Católica e trabalham também como Ministros da Eucaristia. Esperança se diz uma mulher alegre, gosta de ir a um baile, dançar ou uma festa onde possa encontrar as pessoas que gosta, achando maravilhoso envolver-se nas atividades da Igreja.

Nasceu na cidade de Santo Antônio, Rio Grande do Sul, e bem pequena, não lembra a idade, veio morar em Sapucaia do Sul, onde o pai trabalhava num tambo de leite de uma chácara. Esperança levantava de madrugada com o pai para ajudar a tirar o leite das vacas e entregar aos fregueses. Aos quinze anos Esperança veio para a Vila Pedreira, junto com sua família, o pai dela trabalhava na Prefeitura de

Esteio e ganhou uma casa livre de água, luz e aluguel. Ela refere ser muito vaidosa, desde menina, gosta de andar bem vestida, com o cabelo pintado e alisado, com calçado salto alto e sempre com um sorriso grande no rosto.

O pai de Esperança era alcoolista, incomodava muito a mãe dela, tinha ciúme e pensava que essa não precisava trabalhar fora de casa, mas as implicâncias do pai eram também com ela. Ele reclamava e brigava com ela, tudo que ela fazia não era bom, desmerecia-lhe frente aos outros irmãos, chamava ela de vagabunda e dizia que não prestava para nada, mas nada disso, diz ela, era realidade, existia sim uma implicância do pai em relação a filha Esperança. O pai interferia nos amigos e namorados, até que certa ocasião ela desesperou-se e tentou o suicídio com uma gilete, mas não conseguiu, a mãe socorreu-a a tempo.

Aos vinte e dois anos teve um primeiro namorado, jogador de futebol, mas o pai não permitiu. A decepção com as atitudes do pai era muito forte e com o tempo Esperança saiu de casa e foi morar com os padrinhos que lhe queriam muito bem e não concordavam com as atitudes do pai. Teve um outro namorado, com quem não conviveu, mas ficou grávida e perdeu a filha aos três meses de vida.

Na próxima relação que ela teve, que parecia com futuro, o namorado não gostava de trabalhar, e ela tinha que sustentá-lo, e isso não aceitou, com esse homem também teve um filho que perdeu logo ao nascer.

Morava sozinha numa casa onde trabalhava como caseira, ficou muito doente, não soube dizer o que era, sentia-se muito fraca, passava fome e estava desidratada. Foi encontrada quase morta por sua vizinha, que a levou de volta para

a Vila Pedreira, intimando os pais de Esperança que ficassem com ela. Logo que chegou morou com a ex-sogra, por quem tinha muito carinho.

Após esse período difícil voltou para casa dos pais onde cuidava da casa e dos irmãos enquanto a mãe trabalhava como empregada doméstica. A relação com o pai havia melhorado, suas atitudes ficaram menos agressivas e ele aceitou bem o namorado novo que ela conhecera, que é seu atual marido.

O nascimento da filha mais velha de Esperança, foi o responsável na reconquista da amizade do pai. A neta ainda era pequena quando ele ficou muito doente, alimentava-se mal e estava impossibilitado de caminhar. Esperança cuidou dele, com muito carinho, até a sua morte.

Esperança sempre foi muito ligada na mãe, que tem oitenta anos e é cega, elas são vizinhas e encontram-se sempre que quiserem. Em vários momentos da entrevista Esperança dizia: *que o seu grande desejo de vida sempre foi ter um lar, uma família, uma casa, todos têm o direito, eu também quero ter (...).*

Esperança teve uma experiência de liderança na Vila, a partir do ano de 1996, quando assumiu a presidência da diretoria da Associação de Moradores da Vila Pedreira, teve um papel decisivo na conclusão de vários projetos da comunidade, principalmente a aquisição da terra onde moravam. Esse trabalho na Associação sempre foi atraente e prazeroso, apesar de todo envolvimento que exigia das pessoas que dele participavam.

No processo da entrevista com a Esperança explicamos a ela do que tratava a pesquisa, ela interessou-se em participar, mas tivemos que marcar quatro vezes a

data para entrevistá-la, em cada uma das vezes apareceu um imprevisto. Um dia ela não estava bem fisicamente e um pouco deprimida por uma briga com o marido; no outro dia, chegamos na casa dela ,como combinado, e tinha uma grande amiga dela a visitando; em um terceiro momento disse que não estava preparada para a entrevista naquele dia, queria só conversar sem gravar o que dizia, respeitamos seu pedido e a escutamos.

Como estava ficando difícil fazer a entrevista com Esperança, nós sugerimos a ela, que faríamos primeiro com as outras duas mulheres. Quando ela se achasse em condições faríamos com ela também, imediatamente, após propormos isso, ela quis marcar a entrevista. Relatou estar bem e queria ser a primeira a ser entrevistada.

Escutamos sua história de vida durante aproximadamente quatro horas, na cozinha da casa dela, em meio as broas de milho e um chá de erva-doce feito na hora. Vários foram os momentos em que Esperança se emocionou e pediu que desligássemos o gravador. Alguns relatos eram acompanhados pelo seu bom humor, demonstrando ser uma mulher espontânea e livre para dizer o que pensa e sente de uma forma simples mas real.

### 1.1.3 – *Isabel Cristina*

Isabel Cristina é a mais jovem das três entrevistadas, nasceu em 1958 (quarenta e quatro anos), mas foi registrada pelo pai no ano de 1961 (quarenta e um anos). Escolheu esse nome para ser identificada na pesquisa porque sempre sonhou em chamar-se Isabel Cristina, talvez um dia ainda troque seu nome.

Isabel de cor branca, conta emocionada, que foi mendiga quando criança, aos cinco anos, porque via a dificuldade da mãe para atender seus irmãos menores.

O pai trabalhava construindo escolas pelo interior, ganhava pouco, mas segundo a mãe de Isabel, era o suficiente. Mas a menina não se contentava com pouco, sempre queria algo mais, diferente, ela mesma se denomina como *atrevida* para aquela época.

Aos dez anos foi morar com os avós, tendo sido negociada em troca de terras pelo seu pai, carrega essa mágoa até hoje, e talvez nunca esqueça. Muito emocionada ela relata que seu pai lhe vendeu ao avô, e ela dizia a sua mãe: (...) *mãe não me importa que eu passe fome, mas me leva com a senhora (...)* Viveu com a avó até aos dezesseis anos.

Resolveu ir a procura de seus pais, tinha algumas pistas de onde moravam, encontrou-os mas só a mãe recebeu-a com alegria, o pai e os irmãos demonstravam desprezo por ela. Ela relata que só queria recuperar o que não teve, que foi um pai e uma mãe e até hoje, não tem.

Aos dezessete anos Isabel Cristina foi para São Leopoldo, morar com uma irmã para trabalhar, mas como ainda não atingira a maioridade, a irmã administrava seu salário. Quando saiu desse emprego a irmã não permitiu mais que morasse com ela, alegando que desempregada não tinha lugar na casa.

Foi para Esteio onde trabalhava num lanifício e, nessa época o pai e um irmão vieram procurá-la, pedindo para morar junto no quarto de pensão que ela alugava, ela aceitou e logo começou a ter problemas com eles. Eles queriam decidir coisas

por ela e interferiam em sua vida particular. Isabel ficou preocupada com a mãe e os irmãos menores e quis trazê-los para perto dela e do pai, saiu do emprego que tinha e com o valor da rescisão comprou uma casa na Vila Pedreira, mas não conseguia ficar muito tempo perto do pai, logo ele a mandava embora.

Após esse período, morou na casa de uma amiga, a Sra. Ordelina, que lhe cobrava bem caro a moradia e nessa época vendia objetos de vime numa loja de beira de calçada, onde conheceu um homem que é o pai de sua filha mais velha. Teve um relacionamento sexual com esse homem e engravidou, parou de vender vime e conseguiu um emprego de cozinheira em um curtume, depois de seis meses um grande grupo foi demitido, e ela também.

Quando nasceu essa primeira filha, ambas passaram muita dificuldade e Isabel se achava severa demais com a menina, talvez porque não tinha como alimentá-la muitas vezes.

Nessa época conheceu seu primeiro marido, pai dos outros três filhos (uma filha e dois filhos), mas que assumiu como filha, também, a primogênita de Isabel Cristina. Hoje em dia Isabel não vive mais com esse companheiro.

Quanto à mágoa que carrega em relação a ser abandonada pela família, com isso ela parece nunca se conformar, mas ao menos encontrou outros objetivos na vida, que não só esse, de resgatar o afeto dos pais. Refere que começou a viver e se sentir mais segura depois que teve os seus filhos, principalmente a primeira filha.

Isabel Cristina é Agente Comunitária de Saúde, funcionária da Prefeitura, atuando na Vila Pedreira. Ali desenvolve atividades de saúde, não só pelo vínculo

empregatício, mas porque gosta muito desse trabalho. Isabel Cristina referiu várias vezes que têm responsabilidades com sua localidade. Ela relata a necessidade de agir pessoalmente, ou interagir num grupo de moradores.

Isabel Cristina é muito autêntica e sincera, às vezes até brusca e dura ao se expressar, mas é muito considerada na Vila. Seu jeito simples e sincero facilita a comunicação com os moradores, sentem-se seguros quando auxiliados e orientados por ela.

Isabel, hoje em dia, têm um namorado, mas não moram juntos, é um senhor viúvo. A filha mais velha é casada e mora em outra localidade, os outros três filhos moram com Isabel e seguem o seu estilo de vida simples, mas prestativo no contato com os moradores.

Isabel Cristina gostou de ser convidada como entrevistada dessa pesquisa, fez até um agradecimento por escrito. Sendo a segunda a ser entrevistada, elegeu seu quarto como cômodo da casa para nos instalar-mos. Sentamos nas camas e ela relatou seu depoimento durante quatro horas.

Alguns momentos de emoção, outros de raiva e revolta, nem todo tempo gravado, por seu pedido. Tivemos várias interrupções durante a entrevista: filho entrando no quarto; telefone celular tocando – era a chefe convocando para uma reunião; barulhos do caminhão da verdura na rua e cachorros latindo bastante.

Isabel Cristina define-se como uma mulher que diz tudo que pensa e consegue perceber, de forma objetiva, a vida dela e da localidade onde vive. Talvez por isso consiga se relacionar de forma tão transparente com os moradores.

## **II – HANNAH ARENDT E OS CONCEITOS DE LABOR, TRABALHO E AÇÃO**

No segundo capítulo descrevemos os conceitos de labor, trabalho e ação. Mas é, através do que trazem os relatos das depoentes e de como isso se expressa na teoria, que desenvolvemos nosso estudo.

Os relatos das histórias de vida das mulheres possibilitam a compreensão de suas trajetórias individuais e de que forma se apropriam do trabalho.

As histórias orais de vida de Esperança, Isabel Cristina e Negrinha, apresentam as experiências e as definições de trabalho, vividas por elas na Vila. São os relatos das depoentes que vão propiciar nosso entendimento à cerca da interpretação de suas experiências.

As entrevistadas trazem em suas narrativas concepções diferentes de trabalho. Suas ligações com o trabalho, não se dão apenas através de seus empregos. Demonstram estar vinculadas a outros significados de trabalho. Ao relatarem, mostram preocupação, em âmbito local, com a atual crise do trabalho/emprego e com a aparente insatisfação dos seres humanos com essa forma de trabalho remunerado.

Talvez buscando superar essa limitação, da realização pessoal com esse trabalho, mobilizam-se na construção de uma forma de trabalho através da praxis,

que envolva os moradores na ação e participação política, para a solução das questões sociais de sua Vila.

Então, nas últimas décadas a sociedade contemporânea vem presenciando profundas transformações, tanto nas formas de materialidade quanto na esfera da subjetividade, dadas as complexas relações entre essas formas de *ser* e *existir* da sociabilidade humana. A crise experimentada pelo capital, têm acarretado, entre tantas conseqüências, profundas mutações no interior do mundo do trabalho. Desprovido de uma orientação humanamente significativa, o capital assume, em seu processo, uma lógica onde o valor de uso das coisas foi totalmente subordinado ao seu valor de troca.<sup>55</sup>

A tecnologia se expande; se nem sempre para melhor, acumula experiência e possibilidades. Por outro lado, é velho o sonho dos seres humanos com uma terra abençoada onde não seja mais preciso trabalhar. O advento da automação coloca a possibilidade de uma humanidade liberta do fardo do trabalho, e talvez dentro de algumas décadas as fábricas pudessem estar vazias. A ociosidade, que tem sido tomada por privilégio de uma minoria, em futuro próximo poderia estender-se às grandes massas. Esta possibilidade não só coloca uma novidade muito estranha para a meditação e a ocupação de políticos e economistas, que teriam de providenciar o modo de sustento de multidões semi ou inativas, como também traz uma profunda questão de ordem existencial para os seres humanos em geral. Pois a realização do sonho da humanidade com o direito à preguiça chegaria quando a era

---

<sup>55</sup> Cf. Ricardo ANTUNES, *Os Sentidos do Trabalho*, p. 15–17.

moderna acabou de fazer a glorificação teórica do trabalho. O indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho.<sup>56</sup>

Para esta pesquisa fizemos a opção pelo pensamento de Hannah Arendt<sup>57</sup> como referencial teórico para pensar o mundo do trabalho. O contato com as “experiências brutas” resgatadas na polis pré-filosófica permitiram a Arendt construir um novo referencial para a compreensão da realidade. A busca por ela empreendida foi realizada no sentido de recuperar as condições humanas que ali se manifestaram e que representam, por isso mesmo, um potencial – um verdadeiro tesouro, que pode sempre vir a revelar-se, desde que encontre espaço para isso. Ela procura na polis grega e na antigüidade romana, a linguagem e as experiências humanas fundamentais que, mais que a teoria, nos ensinam que as coisas do mundo, entre as quais transcorre a *vita activa*, são de natureza diferente e produzidas por tipos muito diferentes de atividades.<sup>58</sup>

As atividades humanas fundamentais que Arendt descreve são o labor, o trabalho e a ação, que vêm a ser as manifestações mais elementares da condição humana, que são aquelas que estão, tradicionalmente ao alcance de todos.

E as mulheres, mostram, em seus relatos, que suas mais antigas lembranças, também prendem-se ao trabalho, seja dos pais, quando como crianças eram levadas a acompanhá-los, seja da ajuda que prestavam em casa e na roça.

---

<sup>56</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, *O que é o Trabalho*, p. 23–24.

<sup>57</sup> Hannah Arendt nasceu em Hannover, em 1906. Dedicou-se desde muito jovem ao estudo da filosofia e teve como professores Heidegger e Jaspers. Às vésperas da Segunda Grande Guerra, em 1934, exilou-se em Paris, antes de transferir-se, em 1941, definitivamente, para os Estados Unidos, onde morreu em 1975.

<sup>58</sup> Cf. Eugênia Sales WAGNER, *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*, p. 11–74.

Reproduzem, desde pequeninas, os gestos e movimentos dos mais velhos, essencialmente ligados ao trabalho.<sup>59</sup>

A medida que as três mulheres da Vila Pedreira foram contando suas histórias de vida, foram resgatando, ao mesmo tempo, suas histórias de trabalho pessoal e de suas famílias. Elas próprias afirmam que *é o trabalho que dá sentido e move suas existências*. Nos seus relatos procuramos identificar como se processam as atividades humanas denominadas de trabalho, labor e ação.

Para designar essas três atividades humanas fundamentais, Arendt usa a expressão de *vita activa*<sup>60</sup>, definindo-a assim: é a vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de seres humanos ou de coisas feitas por eles, mundo que ela jamais abandona ou chega a transcender completamente. As coisas e os seres humanos constituem o ambiente de cada uma das atividades humanas, que não teriam sentido sem tal localização; e, no entanto, este ambiente, o mundo ao qual viemos, não existiria sem a atividade humana que o produziu, como no caso de coisas fabricadas; que dele cuida, como no caso das terras de cultivo; ou que o estabeleceu através da organização, como no caso do corpo político.

Para Arendt<sup>61</sup>, segundo Aristóteles, de todas as atividades necessárias e presentes nas comunidades humanas, somente duas eram consideradas políticas e constituintes do que ele chamava de *bios politikos*<sup>62</sup>: a ação (praxis) e o discurso

---

<sup>59</sup> Cf. Sylvia de M. MELLO, *Trabalho e Sobrevivência*, p. 158.

<sup>60</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p.31.

<sup>61</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 33.

<sup>62</sup> O surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera, "além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios politikos*. Agora cada cidadão pertence a duas ordens de

(lexis), dos quais surge a esfera dos negócios humanos, que exclui estritamente tudo o que seja apenas necessário ou útil.

Denomina-se de *práxis* uma das atividades mais importantes e superiores da condição humana; é uma manifestação elementar da condição humana – é a ação, uma atividade não remunerada de ordem pública<sup>63</sup>, acompanhada de um importante sentimento de satisfação. Arendt denomina a *práxis* como *uma das coisas que estamos fazendo no mundo*. A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer.<sup>64</sup>

Na tentativa de provocar esse reencontro as mulheres entrevistadas buscam, talvez de forma inconsciente, resgatar esta força capaz de reunir os moradores da Vila, fazendo isso através de sua ação e discurso.

Talvez através desta ação e do discurso, os seres humanos têm procurado encontrar explicações para as mudanças que vêm acontecendo em suas vidas, porque é através da vida que o ser humano permanece ligado a todos os outros organismos vivos.<sup>65</sup>

---

existência; e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e o que é comum (*koinon*)". Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 33.

<sup>63</sup> O termo "público" significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 62.

<sup>64</sup> Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 62.

<sup>65</sup> Recentemente, a ciência vem-se esforçando por tornar artificial a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de fugir da prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar a vida numa proveta, no desejo de misturar, sob o microscópio,

Mas o que vêm acontecendo aos seres humanos nessa sociedade do trabalho? Esta sociedade que está por ser libertada das presas do trabalho é uma sociedade de trabalhadores<sup>66</sup>, portanto uma sociedade que já não conhece mais aquelas outras atividades superiores e mais importantes em benefício das quais valeria a pena conquistar essa liberdade. Numa sociedade que é igualitária, porque é próprio do trabalho nivelar os seres humanos, não existem classes nem uma aristocracia de natureza política ou espiritual, da qual pudesse se esperar a restauração das outras capacidades do ser humano.

Com esse quadro nos deparamos com a possibilidade de uma sociedade de trabalhadores sem trabalho – a única atividade que lhes resta.

Arendt, pensadora preocupada com essa situação propõe uma reconsideração da condição humana a partir de nossas mais novas experiências e temores mais recentes. Isso requer *reflexão*<sup>67</sup>, mas fica difícil em nossos tempos, quando uma das características principais é a *irreflexão* – uma imprudência temerária ou a irremediável confusão ou a repetição complacente de verdades que se tornam triviais e vazias. Sua proposta é apenas de *refletir sobre o que estamos fazendo*.

---

o plasma seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores e alterar-lhes o tamanho, a forma e a função; e talvez o desejo de fugir à condição humana esteja presente na esperança de prolongar a duração da vida humana para além do limite dos cem anos.

Esse homem futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo. Não há razão para duvidar de que sejamos capazes de realizar essa troca, tal como não há motivo para duvidar de nossa atual capacidade de destruir toda a vida orgânica da Terra. A questão é apenas se desejamos usar nessa direção nosso novo conhecimento científico e técnico – e esta questão não pode ser resolvida por meios científicos: é uma questão política de primeira grandeza, e portanto não deve ser decidida por cientistas profissionais nem por políticos profissionais. Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 10-11.

<sup>66</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 12-13.

<sup>67</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 13.

Quando refletimos sobre o *que fazemos*, pensamos nos vários aspectos da condição humana e suas relações com a política. E a condição humana da pluralidade é especificamente a *condição* – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda vida política. Arendt<sup>68</sup> ressalta que esta pluralidade é a condição da ação humana – porque somos todos humanos, ninguém é exatamente igual a alguém que tenha existido, exista ou venha a existir.

Dando significado à vida dos seres humanos, o labor e a vida; o trabalho e o mundo; a ação e a pluralidade, têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade.

Arendt<sup>69</sup> explica que o labor vai assegurar não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto - o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter passageiro do tempo humano. A ação, que funda e preserva corpos políticos, vai criar a condição para a lembrança – para a história.

O *labor*<sup>70</sup> é aquele trabalho do corpo do ser humano pela sobrevivência. O modelo é o do camponês sobre o arado, no trabalho da terra, ou o da mulher no parto. Atividade passiva: sujeita aos ritmos da natureza, às estações, à intempérie, às forças biológicas, aos hormônios e a musculatura autônoma.

O *trabalho*<sup>71</sup>, que traduz a palavra grega *poiesis*, o fazer, a fabricação, criação de um produto pela arte, é a obra da mão humana através de instrumentos que a

---

<sup>68</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p.15.

<sup>69</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 16-17.

<sup>70</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, *O Que é Trabalho*, p. 47.

<sup>71</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 47-48.

imitam – tem a qualidade da permanência, supera o tempo do próprio trabalhador. A vida do trabalhador, seus semelhantes e contemporâneos não depende de suas criações, por isso um esforço livre, podendo ele destruir sua criação sem ir contra as leis da vida.

E a *praxis*<sup>72</sup> – a ação – é aquele domínio da vida ativa e o instrumento de ação é o discurso, a sua própria palavra. É o âmbito da vida política, dos interesses, das paixões, das lutas e das questões que se referem ao convívio entre os seres humanos ou cidadãos.

O labor, o trabalho e a ação têm também raízes na natalidade porque produzem e preservam o mundo para os recém-chegados, além de prevê-los e levá-los em conta, mas a ação está mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade.<sup>73</sup>

Arendt<sup>74</sup> cita Aristóteles, quando escreve que a atividade humana é *praxis*. É aquela atividade dos cidadãos para resolverem os assuntos comuns da localidade, na qual não há um produto material visível e então a atividade é considerada livre pelos gregos. A ação é a atividade não produtora, o ato encontra-se no interior do sujeito agente. No mundo grego a *praxis* é superior à *poiesis* – a operação da fabricação, a atividade do artífice, onde o ato é a realização de um produto. O ser

---

<sup>72</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 48-49.

<sup>73</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, *O Que é Trabalho*, p. 17.

<sup>74</sup> Idem, *Ibidem*, p. 46-47.

humano segundo os gregos só age realmente, e livremente quando usa as coisas, e não quando as fabrica – o ser humano livre e ativo é antes o usuário do que o produtor.

Ao refletirmos sobre algumas das transformações que têm atingido os seres humanos, é necessário pensar também na vida. A palavra *vida*<sup>75</sup>, tem significado específico quando usada em relação ao mundo – designando o intervalo de tempo entre o nascimento e a morte e limitando os momentos do aparecimento e do desaparecimento do indivíduo no mundo. A vida segue uma trajetória linear, sendo movimentada através da força da vida biológica que o ser humano compartilha com outros seres vivos e que vai conservar o movimento cíclico da natureza. A característica maior desta vida humana é que ela mesma é plena de eventos que posteriormente podem ser narrados como história e estabelecer uma biografia. Aristóteles se referia a essa vida, *bios*, dizendo que ela era, *de certa forma uma espécie de práxis*<sup>76</sup>.

O processo biológico do ser humano e o processo de crescimento e declínio do mundo fazem parte do movimento cíclico da natureza – por isso repetitivo. As atividades humanas estão vinculadas aos ciclos recorrentes da natureza.<sup>77</sup>

Como o processo natural da vida reside no corpo, o labor é a atividade que melhor vincula-se à vida – onde o corpo humano volta para dentro de si mesmo, concentra-se no fato de estar vivo, preso ao seu metabolismo com a natureza, sem

---

<sup>75</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 108-109.

<sup>76</sup> No conceito grego de política, a ação e o discurso estão intimamente interligados porque o resultado dessas duas atividades será sempre uma história suficientemente coerente para ser narrada. Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 109.

<sup>77</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 90.

transcender ou se libertar do ciclo repetitivo do seu próprio funcionamento. A perda da percepção sobre a única atividade necessária para sustentar o processo vital parece corresponder ao mesmo momento histórico onde se reduziu o esforço exigido pelo trabalho de modo jamais visto antes, tornando-o ainda mais semelhante ao processo vital, cujo funcionamento é automático.

O ser humano ao trabalhar(produzir), no mundo contemporâneo, vêm participando da redução de todo o trabalho ao nível de labor. Segundo Arendt<sup>78</sup> o trabalho também se transformou num esforço rotineiro, cansativo, passivo, que só tem a preocupação da sobrevivência, denominando esse processo de transformação como: *laborização do mundo do trabalho*.

Com a introdução da divisão do trabalho, a própria natureza do trabalho é alterada e o processo de produção, embora não produza absolutamente objetos para o consumo, assume caráter de labor. Mesmo que as máquinas nos tenham levado a um ritmo infinitamente mais rápido de repetição que o ciclo dos processos naturais, a *repetição e a interminabilidade* do próprio processo imprimem-lhe a marca inconfundível do labor.<sup>79</sup>

Frente a essa constatação percebemos a necessidade que temos de substituir cada vez mais depressa as coisas do mundo que nos rodeiam; não nos permitimos usá-las, respeitá-las, nem preservá-las em sua durabilidade. Precisamos consumir, devorar – nossas casas, carros, móveis, como se fossem as boas coisas da

---

<sup>78</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 50.

<sup>79</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 137.

natureza, e que vão se deteriorar se não as trouxermos para o ciclo do metabolismo do ser humano com a natureza.<sup>80</sup>

Começamos a viver numa sociedade trabalhadora que não tem suficiente labor para mantê-la feliz. E quanto mais fácil se tornar a vida numa sociedade de consumidores ou de operários, mais difícil será preservar a consciência das reais necessidades que existem. Segundo Arendt<sup>81</sup>, o perigo é que tal sociedade, deslumbrada ante a abundância de sua crescente fertilidade e presa ao suave funcionamento de um processo interminável, já não seria capaz de reconhecer a sua própria futilidade. A futilidade de uma vida que *não se fixa nem se realiza em coisa alguma que seja permanente, que continue a existir após terminado o labor.*

As atividades dos seres humanos são feitas como labores pela sobrevivência. Tem-se como utopia, no sentido de impossível, que o trabalho seja expressão, ou que se possa ter um trabalho criativo que dê prazer e satisfação. O labor invade o mundo do trabalho, que os meios de comunicação mantêm, enquanto manipulam o desejo e criam necessidades de consumo, dando aparência de necessidade a um trabalho que em si não seria mais necessário.

Assim, apesar do aumento quantitativo do tempo livre na era da automação, muitas vezes desaparecem os lugares de participação política, que precisam ser reinventados.<sup>82</sup>

Os espaços de participação política que precisamos reinventar surgem a partir de nossas ações e de nosso discurso. Nos relatos de história de vida das mulheres

---

<sup>80</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 138.

<sup>81</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 146-148.

<sup>82</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, *O Que é Trabalho*, p. 41-42.

foram descritos os seus lugares de participação política. As depoentes manifestam-se aos moradores da Vila Pedreira através das suas palavras e do seu agir.

Juntamente com o discurso e a ação destaca-se a *singularidade* que distingue essas mulheres – elas não são apenas diferentes.

No caso das entrevistadas ser diferente não equivale a ser outra – ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de *alteridade*, comum a tudo o que existe. A alteridade<sup>83</sup> é, sem dúvida, aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as suas definições são distinções e o motivo pelo qual não podem dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra. Só o ser humano, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa – como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo.

Nas depoentes, a alteridade, que elas têm em comum com tudo o que existe, e a distinção, que elas partilham com tudo o que vivem, torna-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares.<sup>84</sup>

Para Arendt existe uma estreita relação entre a ação e o discurso. A ação sem o discurso perde seu caráter revelador e seu sujeito, deixaria de ser ação, pois não haveria ator – o agente do ato e ao mesmo tempo autor das palavras.

Essa ação iniciada pelas mulheres é revelada através das palavras, nas quais elas se identificam e anunciam o que fizeram, fazem e pretendem fazer. O caráter

---

<sup>83</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 189.

<sup>84</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 189.

*revelador* é o responsável pela demonstração de *quem alguém é*, através de suas palavras e seus atos.<sup>85</sup>

Esta qualidade reveladora do discurso (palavra) e da ação das mulheres entrevistadas, traz à tona *quem são essas mulheres*. Através de seus relatos revelam sentimentos que são únicos, que são característicos dessa ação pública e política participativa desempenhada por elas.

Arendt diz que no momento em que tentamos dizer *quem* alguém é, nosso próprio vocabulário nos induz ao equívoco de dizer *o que* esse alguém é; nos perdemos numa descrição de qualidades que as pessoas compartilham entre si; descrevemos um tipo ou *personagem*, e perdemos de vista a singularidade e especificidade das pessoas.<sup>86</sup>

Como as ações e o discurso dessas mulheres se dá na relação que elas têm com os moradores da Vila, é possível denominarmos essa situação de *teia*<sup>87</sup> de relações humanas. Essa teia existe onde acontece a convivência das depoentes com os moradores da Vila - uns vivem *com* os outros.

Porque a ação jamais é possível no isolamento, se nos isolarmos, perdemos a capacidade de ação, que juntamente com o discurso necessita da convivência humana. A ação e a palavra são circundadas pela teia de atos e palavras de outros seres humanos, que estão em permanente contato com ela. A força que utilizamos no processo de produção, seja intelectual ou puramente física – é inútil para o agir.<sup>88</sup>

---

<sup>85</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 191-192.

<sup>86</sup> Cf. Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 194.

<sup>87</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 196.

<sup>88</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 201.

Sobre essa força a autora<sup>89</sup> lembra que a história está repleta de exemplos da impotência do ser humano forte e superior que é incapaz de angariar o auxílio ou a cooperação de seus semelhantes. Imaginamos a ação dividida em duas partes: o começo, feito por uma só pessoa, e a realização, à qual muitos aderem para *conduzir, acabar*, levando ao final do empreendimento.

O poder e a força, necessários para que aconteça a ação desempenhada pelas três entrevistadas, estão presentes na capacidade delas de angariarem o auxílio e a cooperação de outros moradores para que se concretizem os projetos por todos desejados.

---

<sup>89</sup> Cf. Id., *Ibid.*, p. 201-202.

### **III - OS SENTIDOS DO TRABALHO NA VIDA DE ESPERANÇA, ISABEL CRISTINA E NEGRINHA**

As três mulheres demonstraram em seus relatos de história de vida que o trabalho tem um papel decisivo e condutor em vários momentos de suas vidas. E por isso a inquietação delas, talvez inconscientemente, com a crise no mundo do trabalho, seja o que às conduz à investirem em outras alternativas de atividades que não somente o labor e o trabalho.

Talvez, as depoentes estejam tratando de desconectar do “trabalho” o direito de ter direitos e, especialmente, o direito ao que é produzido e produzível sem trabalho ou com cada vez menos trabalho. Trata de se reconhecer que nem o direito a um rendimento e tampouco o direito à cidadania plena, nem a realização e a identidade de cada um, podem mais ser centradas no emprego e depender de ter um emprego. Trata-se, conseqüentemente de mudar a sociedade – o ‘trabalho’ precisa perder a sua centralidade na consciência, no pensamento, na imaginação de todos. Essa transformação da sociedade supõe a capacidade de pensar de outra forma ou simplesmente de formular o que cada um experimenta.<sup>90</sup>

Frente a essa realidade, refletimos naquela idéia de Arendt que diz que precisamos ir à busca da ação e do discurso, para que possamos interagir uns com os outros, iniciando e construindo novos experimentos que sejam capazes de propiciar a inclusão dos seres humanos numa outra sociedade de trabalho.

---

<sup>90</sup> Cf. Inácio NEUTZLING, *Sociedade do trabalho e sociedade sustentável: algumas aproximações*, p.35.

Nessa busca da interação com as pessoas, Esperança, Isabel Cristina e Negrinha, relatam que desempenham um tipo de trabalho em suas vidas, que traz satisfação pessoal - trata-se da atividade humana da *ação*.<sup>91</sup>

As depoentes relatam mais do que suas experiências de vida, pois parece, que através de suas histórias querem deixar mensagens para quem as lê, pensamos que não quiseram apenas *falar de si*, mas muito mais do que isso, *contar para as pessoas*. Esperança, Isabel Cristina e Negrinha relataram sobre suas histórias políticas, seus interesses, suas paixões e suas relações de convívio na Vila Pedreira, a *ação ou praxis*, o espaço da palavra e do debate das relações humanas.

A partir dos relatos das histórias de vida demonstram como vai se desenvolvendo em suas vidas o processo de ação/palavra na convivência da Vila. A pesquisa deve proporcionar a essas três depoentes um espaço de comunicação com a sociedade, onde elas podem expressar, um pouco, do que pensam e sentem sobre a prática que desenvolvem.

As entrevistadas e seus relatos sobre o trabalho, mostram como, no relato que segue, o trabalho é central e elemento que dá sentido à vida. O trabalho remunerado que é cansativo tanto quanto o labor, mas que parece uma necessidade vital.

Negrinha encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho/emprego. Relata que mesmo que seu trabalho exija força física, ele preenche vazios e dá sentido à vida. Pensando assim, apesar do desgaste, valeria o esforço do trabalho porque existe gosto pelo que ela faz.

---

<sup>91</sup> Agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar, começar, ser o primeiro, imprimir movimento a alguma coisa. Cf. Eugênia Sales WAGNER, *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*, p. 70.

O trabalho, eu acho que sem o trabalho a pessoa não pode viver, porque a vida não tem um sentido, porque se tu não trabalhas tu vais viver só num vazio, não é só o sustento que traz o trabalho, eu gosto do que eu faço lá, embora que muitas vezes é puxado, a gente trabalha, trabalha de verdade mesmo... (Negrinha 2002)

Outra depoente, Esperança relata sobre o trabalho na vida dela como elemento capaz de afastar maus pensamentos, considera-o muito importante. Ela refere-se, nesse relato, à duas atividades humanas: o labor e a ação. Ao trabalhar em sua casa(lar) submete-se ao labor, trabalhando com seu corpo, de forma passiva e repetitiva – na busca da manutenção do seu lar. E o trabalho na Vila e na Igreja é desempenhado através de uma praxis. Que é central na vida dela, é onde ela apropria-se de seu discurso para desenvolver sua atividade política – de discussão dos interesses e questões relativos ao convívio entre moradores.<sup>92</sup>

Bom, trabalho pra mim eu acho que é uma coisa muito importante né na vida da gente, porque é o que nos leva ao dia a dia e a nossa vida também. Eu como pessoa que sempre gostei de trabalhar e gosto até hoje apesar que já estou quase com 60 anos, mas não paro nunca de trabalhar. Trabalho na comunidade, na Igreja que é uma comunidade, trabalho em casa no meu lar, to sempre disposta a trabalhar porque eu acho que o trabalho é o que tira a gente muitas vezes de tá pensando bobagem, né de leva a vida da gente, então to sempre trabalhando (...) (Esperança, 2002)

Para Isabel Cristina o trabalho propicia a valorização das pessoas, tanto no trabalho remunerado como nas ações mais simples do dia a dia. Nas atividades de seu emprego, orienta os moradores sobre prevenção e cuidados de saúde através de pequenos gestos, capazes de mobilizar as pessoas a que aprendam observando. Cooperar com a manutenção e organização de sua localidade é para esta depoente uma ação de grande valor. A ação de Isabel Cristina é uma atividade não produtora

---

<sup>92</sup> Eugênia Sales WAGNER, *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*, p. 48-49.

de coisas materiais e que reside no interior dela própria, possibilitando que se revele às pessoas, através das palavras.<sup>93</sup>

(...) olha o trabalho pra nós é tudo, tudo que a gente auto se valoriza, até num cata um piolho, até no vasculha a cabeça de uma criança, se tu faze com vontade aquilo ali é um trabalho que tu vai passa um exemplo, dá um exemplo pra uma mãe, que aquilo ali não é aquele trabalho que pra ela é um saco, mas é um trabalho de grande valor que a cabeça daquela criança vai tá limpa gente, trabalho gera tudo..., até no se dobra pra junta um papel do chão, tem seus valores (...) (Isabel Cristina, 2002)

As três depoentes: Esperança, Isabel Cristina e Negrinha, buscam sua inserção na Vila Pedreira, através da ação que desenvolvem – ação sem imposição, como no caso da necessidade do labor ou pela utilidade no trabalho. Essa ação que desenvolvem vêm sendo efetivamente estimulada pela presença dos moradores com quem gostam de estar, e por quem têm uma preocupação, talvez, até mesmo, um sentimento de responsabilidade.

Por esse sentimento, elas têm a iniciativa de agir – iniciar, começar; elas iniciam um processo de movimentação com os moradores da Vila. As três mulheres são capazes de agir, e isso significa que podemos esperar delas o inesperado, talvez o improvável, porque cada uma delas possui a sua singularidade.<sup>94</sup>

Esperança, Isabel Cristina e Negrinha mostram-se através de suas ações e suas palavras, vão revelando a todo momento suas identidades pessoais e singulares e com isso apresentam-se à sua localidade, revelam quem são, a partir do que dizem e fazem.

---

<sup>93</sup> Cf. Eugênia Sales WAGNER, *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*, p.46.

<sup>94</sup> Sobre a ação e o discurso: se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais. Cf. Idem, *A Condição Humana*, p.191.

Ao relatar sobre suas experiências de trabalho, Esperança descreve como sente sua ação, sua prática social. *O trabalho que eu mais gosto de fazer é com pessoas; esse trabalho começando a Associação de Moradores, foi aonde eu me senti realizada porque aquilo que eu sempre desejei fazer eu consegui, não tudo, e não só eu consegui, com a ajuda de muitas pessoas, porque a gente só consegue trabalhar com outras pessoas junto; me senti muito feliz.* O trabalho aparecendo como praxis no relato de Esperança caracteriza o âmbito político em sua trajetória de vida. É esse o espaço político dos interesses, das paixões, das lutas e questões que se referem ao convívio da depoente com os moradores.<sup>95</sup>

E ainda, a entrevistada refere sobre a necessidade da ação como atividade em conjunto, com os moradores participando. Porque a ação jamais é possível no isolamento.<sup>96</sup> Se a depoente se isolasse perderia a capacidade de ação, que juntamente com o discurso necessita da convivência entre os moradores para se efetivar.

Esperança foi capaz de angariar o auxílio e a cooperação de seus semelhantes para que se concretizassem os sonhos dessa coletividade.<sup>97</sup>

(...) mais o trabalho que eu mais gosto de fazer é com pessoas, comunidade igreja, na minha comunidade também to sempre pronta e agora mesmo a gente já tem feito bastante né, trabalhado bastante no fim do ano, agora início desse ano a gente já tem uns trabalhos pra fazer, como na minha comunidade eu to sempre ajudando as pessoas. Mas eu comecei em 1985 um trabalho que eu acho pra mim muito importante porque era uma coisa que eu queria muito, apesar de não sabe ou não te a idéia do que era esse trabalho começando na Associação de Moradores, foi aonde eu me senti realizada porque aquilo que eu sempre desejei fazer eu consegui, não tudo, e não só eu, e não eu consegui, com a ajuda de muitas pessoas, porque a

---

<sup>95</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, *O Que é Trabalho*, p. 48-49.

<sup>96</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p.201.

<sup>97</sup> Idem, *Ibidem*, p. 201-202.

gente só consegue trabalhar com outras pessoas junto então eu me senti muito feliz fazendo este trabalho, apesar de a gente ter muitas barreiras que a gente tem que ultrapassar, mas a gente é de luta mesmo, tem que lutar, tem uma palavra tem que seguir, e a Associação foi que me ensinou o que é trabalhar (...) (Esperança, 2002)

(...) aí eu mesmo trabalhando fora eu dava de mim o que eu podia pra minha comunidade, tava sempre a disposição deles, sempre tentando salvar um, bom a minha casa, sempre chegavam aqui, eu não fiz um curso de enfermagem, mas eu tinha uma noção de dar uma injeção, de enfaixar um pé, a própria dor foi me ensinando, a própria força de vontade e a busca de o pessoal confia em mim, foi fazendo que eu fosse desenvolvendo aquela capacitação, a aprendizagem que eu tive dentro de uma clínica psiquiátrica, onde eu tive internada seis meses eu fiz uma aprendizagem de enfermeira prática, as oportunidades que me deram eu aproveitei, aquilo que tu aprende e tu valoriza, aquilo tu jamais esquece, e se baterem na tua porta, não é a pessoa que tá batendo, é Deus que tá te colocando ali naquela disposição, então não fecha as porta, atende, tem alguma coisa que tu pode fazer, eu tenho isso comigo (...) (Isabel Cristina, 2002)

A entrevistada Isabel Cristina procura conciliar o seu trabalho de Agente de Saúde na Vila com a sua praxis, que é a atividade humana não remunerada, de ordem pública,<sup>98</sup> que ela também desenvolve no âmbito de sua localidade. A depoente introjeta um sentimento de responsabilidade e compromisso com quem a procura: (...) *se baterem a tua porta, é Deus que tá te colocando ali naquela disposição, então não fecha as porta, atende, tem alguma coisa que tu pode fazer, eu tenho isso comigo (...)*

Isabel Cristina revela as características pessoais acima, através de seu discurso (suas orientações e atendimentos de saúde), revelando-se aos moradores. Demonstra sentimentos que são únicos, que vão ser característicos dessa ação pública e política participativa desempenhada por ela.<sup>99</sup>

Trabalhei muito como voluntária aqui na vila, e também desde pequena eu ia longe dá injeções, vinham me busca à cavalo pra mim dá injeção nas pessoas, as pessoas doentes e não tinha quem fizesse, desde menina eu

<sup>98</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 109.

<sup>99</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 194.

fazia. Depois aqui na vila, ajudando a cuidar dos doentes tudo, e mesmo em solteira eu cuidava muito também, lá fora ainda eu cuidava das pessoas idosas (...) (Negrinha, 2002)

A entrevistada Negrinha desde jovem têm a experiência da interação com outras pessoas, através de auxílios em atendimentos de saúde e cuidando de idosos. Arendt diz que a praxis (ação), também significa 'uma das coisas que estamos fazendo no mundo'. A depoente e sua atividade humana como ação coopera na resolução dos assuntos, problemas e dificuldades (principalmente no tocante à saúde), que são comuns dos moradores da sua localidade.<sup>100</sup>

Essas mulheres revelam suas identidades que são únicas e distintas, através das ações que descrevem acima, e isso têm acontecido porque sempre existiu convivência na forma de ação que elas vivenciam. A convivência que elas têm com os moradores da Vila, ao agirem e dirigirem suas palavras é o que vai dar sentido às suas ações.<sup>101</sup> Para que as mulheres revelem-se através de suas ações, essas precisam se dar no espaço público, que aqui nesse caso, é a localidade onde vivem.

A entrevistada Isabel Cristina quando interrogada sobre o que pensava sobre os diferentes tipos de trabalho, em uma reunião na Prefeitura, descreve as idéias que seguem:

Aí eles perguntaram pra mim o que é que eu achava da diferença de um trabalho de carteira assinada, de um trabalho de biscate, de um trabalho por livre e espontânea vontade, como eles tratam de autônomo, e o que tu acha do teu afazer dia a dia em casa, eu disse assim: pra mim o senhor fez uma pergunta que é tudo igual, eu respondi, porque pra mim foi tudo igual, aí ele disse assim: em que sentido tudo igual, tu pode me diferencia o teu igual nessas palavras, daí eu disse: um trabalho de carteira assinada, a diferença

---

<sup>100</sup> Cf. Suzana ALBORNOZ, O Que é Trabalho, p. 46-47.

<sup>101</sup> Cf. Hannah ARENDT, *Op. cit.*, p.62.

qual é, que eu tenho os meus honorários, meus dias direitinho ali, quando eu saí eu vou ter os meus direitos pra recebe e as minhas garantia, mas se eu não vesti a camiseta e não trabalha com gosto e prazer, tu só trabalha pela ambição, não é o trabalho, aquilo ali pra mim tá sendo um sacrifício, (a entrevistada ri) é uma verdade né? Se nesse momento, eu no meu parecer, se eu me dobra pra varrer um chão por livre espontânea vontade, pra mim é um trabalho honrado, com gosto porque eu to fazendo aquilo ali assim que é um dever meu, é um capricho meu, e eu to valorizando os meus valores, então é um trabalho, aí ele olhou e disse assim: e se é o teu trabalho autônomo, por conta, as tuas faxinas, eu disse: olha pra mim todo trabalho, tu vestindo a camiseta, honrando ou trabalhando com gosto, com segurança de que o que tu tá fazendo tá bem feitinho, tá dando bons exemplos e tá fazendo com gosto e boa vontade, já tem muita diferença de um trabalho de carteira assinada pra mim, ele perguntou: mas que peso tem a carteira assinada? Eu disse: pra mim é que vou ter um salário justo no final do mês e sabe que aquilo eu posso conta, mas igual aquilo eu sou obrigada a ir, mesmo sem condições de saúde, tem que segura aquele serviço, aí eu penso duas vezes entre trabalho e eu, muitas vezes já aconteceu comigo de eu estar com dor e sabe que não tinha condições de trabalha, mas eu tenho que cumpri aquele serviço, não é o meu serviço, mas eu tenho que ir lá trabalha, tenho que honra, como também já aconteceu comigo, sem carteira assinada, eu contava a hora pra tá no meu trabalho, trabalhava com gosto. Daí ele disse: então nas suas palavras deu pra entender que pra senhora trabalho é aquele trabalho que se faz com gosto, que a gente se acha, que a gente se encontra, se sente segura, e eu disse: trabalho pra mim é esse, porque o trabalhador capacitado e tá em dia com seus afazeres ele só em assisti e acompanha ele já sabe qual é o caminho que tem que toma. (Isabel Cristina, 2002)

No relato simples e, às vezes, pouco atrapalhado, de Isabel Cristina, identificamos o que Arendt chama de trabalho. Isabel Cristina relata que: *o trabalho só pela sobrevivência é sacrifício* – aqui aparece o fenômeno que Arendt chama de laborização do trabalho (o trabalho tornou-se mecânico, repetitivo, cansativo e, a possibilidade de criação do ser humano foi suprimida no ato da produção). A depoente refere também *que a remuneração para o trabalho, por si só, não garante prazer na atividade*; portanto o emprego e o salário não esgotam a possibilidade de satisfação no desempenho deste trabalho.<sup>102</sup>

Então, os relatos das mulheres mostram que elas encontram essa satisfação no convívio com os moradores, enquanto desempenham suas ações sociais.

---

<sup>102</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 149.

Esperança, Isabel Cristina e Negrinha revelam suas identidades através de suas palavras e ações usando uma teia já existente, que é a comunidade onde vivem – a Vila Pedreira. Essa comunidade representa as relações humanas, nas quais essas três mulheres com seu *quem* revelado, vão imprimir suas formas imediatas. Revelando suas identidades por suas palavras e estabelecendo novos inícios pelas suas ações, vão desencadear um novo processo: que vai ser caracterizado, algum tempo depois, pelo surgimento das suas histórias singulares de vida, influenciando de modo também singular a história de vida de todos aqueles moradores da Vila, com quem se relacionam.<sup>103</sup>

Isabel Cristina lembra os conflitos que, muitas vezes, enfrenta em seu trabalho de Agente de Saúde. Existe, em alguns casos, a necessidade de fazer além, ou diferente do que lhe compete sua função de trabalho, mas esbarra nas regras às quais precisa seguir. Frente à necessidade encontra outras formas para continuar desenvolvendo sua ação e sua palavra junto da Vila, é o que ela nos relata nessas duas histórias que seguem:

Hoje eu to fazendo uma coisa que eu sei que é contra a regra, não pode, já fiz a tempos atrás, agasalhei um mendigo dentro de casa que ele tava sem casa, sem eira nem beira, que é que adianta eu bate na porta da casa dele, que pra ele era uma casa, pra nós não tinha casa, era só uma porta e umas telhas empoleirada, vendo ele dentro da água, naquele estado e quere dize pra ele Sr. Dilo<sup>104</sup> o senhor tem que se conscientiza, e faze xixi num lugar mais adequado, o senhor tem que cuida do rato nas suas comida, se ele não tinha nem comida, nem cama pra dormi, dormia sentado ou de pé, e os ratos caminhando por cima, e eu vendo que dali não se tirava nada. Ele ficou três anos morando lá dentro de casa, ele nunca foi demais, ele se sentiu demais na hora que eu botei preço, que daí ele já tinha o ganho dele, a pensão dele, daí eu disse: agora o senhor vai ter que me ajudar com cinqüenta reais por mês, e ele achou demais, pra não arruma encrenca ele disse que tinha a

---

<sup>103</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 195-196.

<sup>104</sup> O Sr. Dilo é um morador da Vila Novo Caminho com uns sessenta anos, negro e, que sofre de úlceras varicosas nos membros inferiores; sua situação era de indigência total. Tinha como hábito ficar andando pelas ruas da Vila Novo Caminho; sem família, ia recebendo ajuda de um e outro.

casa, fiz a casinha ali no canto, mas se hoje eu chega pra ele eu posso fala algumas coisas, posso cobra dele alguma coisa, porque ele tem hoje. Outro exemplo, a dona Ordelina<sup>105</sup>, o meu serviço não é de ir todo dia na casa de um morador, nem posso faze isso, mesmo sabendo que aquela pessoa precisava de um bom dia meu, que é que eu vou fazer pra poder atender essa pessoa, então eu trouxe ela pra dentro da minha casa, que daí o serviço não podia dizer nada. (Isabel Cristina, 2002)

A entrevistada Isabel Cristina mostra aqui, nessas duas histórias, com suas singularidades, como a atividade humana da ação e do discurso está presente na vida dela, além de suas atividades profissionais.

E como as atividades que essas três mulheres desenvolveram e continuam desenvolvendo estão relacionadas entre si, pelo compromisso que elas têm com os outros moradores e suas vidas. Compromisso, esse de trabalhar junto com esses moradores para que a liberdade criativa deles possa acontecer, através da independência, e da motivação para que seus atos e suas palavras tornem-se mais presentes e reativos.

Esperança compartilha uma história com o mesmo morador Sr Dilo, ajudando-o a fazer o banheiro da casa dele, que Isabel Cristina providenciou pessoal voluntário pra construir, ela conta indiretamente sobre essa ação:

Agora mesmo a gente teve uma renovação da minha capela, onde hoje ela tá bonitinha, tudo novinho, é um trabalho, *um banheirinho pra uma pessoa que precisa*, então eu acho que a gente tem que estar sempre em movimento, se não enferruja mesmo, então é muito bom a gente tá sempre em contato trabalhando. (Esperança, 2002)

Esperança define como trabalho as atividades de ministra da igreja, que desempenha na capela católica da Vila. As práticas sociais com os moradores,

---

<sup>105</sup> Dona Ordelina, já é falecida, morou mais de quarenta anos na Vila Novo Caminho. Na casa dela que Isabel Cristina morou quando veio para a Vila Novo Caminho. Ordelina era viúva e mãe adotiva de uma moça muito problemática, que lhe causava muitas preocupações. O diabetes melittus (açúcar no sangue), e a hipertensão arterial (pressão alta) pioravam muito sua qualidade de vida.

como o Sr. Dilo, traduzem-se aqui como ação e discurso. Segundo Arendt,<sup>106</sup> é a condição para toda a vida política da entrevistada, que desempenha suas atividades na comunidade e na Igreja. Nesse relato encontra-se novamente a capacidade da depoente em angariar participantes para as ações necessárias.

A entrevistada Negrinha conta parte das histórias singulares de sua vida de trabalho junto à Vila, histórias que revelam essa mulher através do que faz, e que imprimem seus sinais na organização social dessa localidade:

Na vila eu trabalhei muito como voluntária na época do Dr. Joel, ele virou isso aqui na época, era muito precária a saúde, como continua sendo, mas naquela época era pior ainda, não tinha Secretaria da Saúde naquela época, tinha só um trabalho de Assistência Social na Prefeitura, onde eles forneciam remédios para as pessoas, faziam um cadastramento, então foi fundado um postinho do Estado aqui na vila e na época o Dr. Joel dividiu a vila em 5 setores, cada setor ele botou uma líder pra atender, ela ficava responsável por aquelas famílias do setor: primeiros socorros, encaminhamentos, orientação de mães, então eu aprendi muito nessa época, e também acho que ensinei muito, e eu trabalhava como voluntária até no posto de saúde, eu trabalhava nunca me neguei, tinha dia de ter fila na minha porta pra dar injeção, hoje em dia eu não faço mais isso, porque tá diferente e na época eu tinha o Dr. Joel como protetor, qualquer problema que surgisse ele assumia, hoje em dia não tem mais isso né, então se a pessoa teve muito precisando eu ainda faço, mas só em última necessidade, continuo a disposição se vierem me chama se tiverem precisando pra uma doença, eu vou e ajudo. Eu trabalhei muito no centro comunitário da vila, principalmente na escola, eu aprendi muito, aprendi coisas que eu nunca esperava aprender, foi muito gratificante, foi uma experiência de vida muito acentuada mesmo (...) (Negrinha, 2002)

Para Negrinha trabalhar significa, principalmente, a sua prática como moradora, é a ação e o discurso que Arendt<sup>107</sup> afirma que vão fundar e preservar corpos políticos – criando a condição para a lembrança, para a história. Os relatos das histórias de vida dessas três mulheres servem como memória para a história da Vila Pedreira.

---

<sup>106</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p.15.

<sup>107</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 16.

Negrinha traça perspectivas para ações futuras, tem uma preocupação especial com os idosos. Relata que *teríamos que ter mais amor pelos velhinhos, eles já foram jovens também, e que na velhice são mais carentes de atenção, e muitos até fome e outras dificuldades passam, ela gostaria que recebessem uma assistência diferenciada dos governantes.*

Se eu tivesse poder aquisitivo eu ia fazê muita coisa, mas é que não tem né, mal a pena dá pra gente se manter, mas eu tinha muita vontade de revolucioná essa área assim dos velhinhos, tem a Assistência Social da Prefeitura, mas nunca ouvi elas falarem sobre programas para os velhos, eles fazem em prol da criança né, tem a casa da criança. Lá no Ginásio Municipal tem ginástica agora, mas pro idoso não, é geral, eu acho que teria que ter nessa área do esporte alguma coisa que os idosos pudessem participar, se senti mais útil, caminhada já tem, eu tenho visto umas idosas junto, mas homens se vê muito pouco. Se os idosos tivessem alguma coisa assim que eles pudessem participar eles iam se senti mais vivos, se tivessem grupos, onde cada um ensinasse o que sabia, as vezes não é só materialmente que eles precisam, precisam de atenção, de carinho. (Negrinha, 2002)

Podemos observar neste relato como a depoente almeja dar início à alguma atividade com idosos. Ela depoente tem planos para o futuro, planeja ações que dependem, segundo ela, de melhor poder aquisitivo. A necessidade de iniciar atividades, de começar e dar o impulso inicial, ao qual muitos moradores aderem para dar continuidade ao empreendimento, está presente nos relatos de Negrinha.<sup>108</sup>

Só podemos saber quem são Esperança, Isabel Cristina e Negrinha se conhecermos as histórias das quais elas são heroínas<sup>109</sup> – a biografia delas.

<sup>108</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 201-202.

<sup>109</sup> O herói revelado pela história não precisa ter qualidades heróicas; originalmente, isto é, em Homero a palavra “herói” era apenas um modo de designar qualquer homem livre que houvesse participado da aventura troiana e do qual podia se contar uma história. A conotação de coragem, que hoje reputamos qualidade indispensável a um herói já está, de fato, presente na mera disposição de agir e falar, de inserir-se no mundo e começar uma história própria. E esta coragem não está necessariamente, nem principalmente, associada à disposição de arcar com as conseqüências; o próprio ato do homem que abandona seu esconderijo para mostrar quem é, para revelar e exibir sua individualidade, já denota coragem e até mesmo ousadia. Essa coragem

A história real dessas mulheres vai dar forma a história real da Vila Pedreira, e elas três sugerem em seus relatos o compromisso humano que têm com os moradores.

(...) mas eu sei que eu tenho capacidade e quando consigo fazer alguma coisa, sempre sou elogiada, eu me sinto feliz porque eu faço (...), (...) porque eu gosto de fazer as coisas para as pessoas, eu gosto do trabalho da igreja e na comunidade, mas eu gosto de fazer inteira, eu não gosto de fazer nada quando eu sinto que o coração tá apertado. (Esperança, 2002)

Eu digo assim: se eu der de mim por minha livre e espontânea vontade à alguém, eu to sabendo que desse alguém eu não vou recebe, mas uma porta ali fora vai se abri porque tem uma visão que vai pode enxerga os valores que eu tenho no meu trabalho (...) (Isabel Cristina, 2002)

Esperança e Isabel Cristina trazem no que contam acima os sentimentos que podem acompanhar a praxis(ação) e o discurso delas: *otimismo, sentir-se capaz, prazer, autovalorização, autonomia e criatividade*. As depoentes, vivem, se movem e agem em sua localidade, experimentam o significado das coisas porque expressam-se oralmente e são inteligíveis entre si e com os outros.

Mas as depoentes relatam também as dificuldades que enfrentam nesse convívio humano, da falta de entendimento de algumas pessoas, do descrédito e acomodação de muitos e da pouca participação de outros. As três mulheres movimentam-se entre os moradores atuantes da localidade, como quem atua, nunca serão simples *agentes*, mas também, e ao mesmo tempo, muito pacientes.<sup>110</sup>

Arendt<sup>111</sup> escreve que agir e padecer são como as faces opostas da mesma moeda, e a história iniciada por uma ação compõe-se de seus feitos e dos

---

original, sem a qual a ação, o discurso e, segundo os gregos, a liberdade seriam impossíveis, não é menor – pode até ser maior – quando o “herói” é um covarde. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 199.

<sup>110</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 203.

<sup>111</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 203.

sofrimentos deles decorrentes. Esperança, Isabel Cristina e Negrinha precisam esperar conseqüências ilimitadas, porque suas ações atuam sobre um meio no qual toda reação se converte em reação em cadeia, e todo processo é causa de novos processos.

Como a ação delas atua junto aos moradores da Vila, que também são capazes de agir, a reação deles, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar os outros. A ação das mulheres e a reação dos outros moradores jamais se restringem, entre eles, a um círculo fechado, e jamais podemos, limitá-la a dois parceiros. Basta-nos um simples ato e uma palavra para mudar toda uma realidade, a ação sempre vai estabelecer relações, tendo portanto a tendência inerente de violar todos os limites e transpor todas as fronteiras.<sup>112</sup>

O caráter político, da Vila, resulta diretamente da ação em conjunto, da *participação de palavras e atos* de todos os seus moradores. A ação que essas pessoas desenvolvem, não apenas mantém a mais íntima relação com o lado público do mundo, comum a todos nós, mas é a única atividade que o constitui.

Esse local não é somente uma vila em sua localização física, mas é a organização social que resulta do agir e falar de seus moradores em conjunto, e o seu verdadeiro espaço encontra-se entre as pessoas que vivem juntas com tal propósito, não importa onde estejam. A ação e o discurso criam entre os moradores um espaço capaz de situar-se adequadamente em qualquer tempo e lugar. Arendt

---

<sup>112</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 203.

denomina há esse espaço<sup>113</sup> – espaço da aparência, que passa a existir sempre que os homens se reúnem na modalidade do discurso e da ação.

Nem sempre este espaço da aparência existe, e, embora todos os seres humanos sejam capazes de agir e de falar, a maioria de nós não vive nele. Ninguém vive permanentemente nesse espaço, e estando privados dele, nos privamos da realidade que, humana e politicamente, é a própria aparência. Para nós, a realidade do mundo é garantida pela presença dos outros, porque aparecemos a todos.

Esperança, Isabel Cristina e Negrinha, assumem uma aparência explícita, porque reúnem-se aos outros moradores agindo e usando a palavra, e essa aparência é que precede toda e qualquer constituição formal e organização da esfera pública.<sup>114</sup>

O papel das depoentes na Vila Pedreira têm sido o de iniciar a ação e o discurso, revelando-se e empenhando-se para estruturar e preservar essa comunidade politicamente, criando a condição para a lembrança – para a história.

---

<sup>113</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, p. 211-212.

<sup>114</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*, p. 212.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Junto das mulheres entrevistadas e das suas ações narrativas, permeadas pelos sentidos que dão ao trabalho, pudemos desvelar em parte como vivenciaram, como construíram sua vida cotidiana e como foram incorporadas ao trabalho. Na narrativa de cada uma delas, desenrola-se a multiplicidade das experiências femininas: como constroem suas relações, como vivem suas experiências, sua individualidade e coletividade.

Existe uma relação entre o presente e o passado, que fica evidente quando as pessoas pensam sobre si. As depoentes trazem nas histórias que contam, a busca pessoal de significados para suas vidas.

Neste estudo nos propusemos a examinar alguns desses significados, que as entrevistadas dão ao trabalho, e como esse se expressa nas atividades humanas do labor, do trabalho e da ação <sup>115</sup>.

A atividade humana eleita pelas entrevistadas como o tipo de trabalho que mais as realiza, é a da ação. Como categoria fundamental na análise das atividades humanas, nos relatos das mulheres, representa a liberdade criativa e a capacidade de regerem seus próprios destinos. Como também a forma única da expressão da singularidade individual.

A ação, é para as depoentes a fonte do significado de suas trajetórias de trabalho. E se o trabalho é central em suas vidas, buscam através da ação,

---

<sup>115</sup> Cf. Hannah ARENDT, *A Condição Humana*.

promover o sentido do trabalho, para algo mais do que simples labor ou emprego. Sentem-se capacitadas a começar algo novo que permite a busca por satisfação pessoal e revelação das suas identidades.

Ao rememorarem suas experiências, as três entrevistadas o fizeram de forma individual e também coletiva. Ao falarem de si, rememoraram fatos, lugares, ações que são individuais, mas que trazem também a marca do social, do comunitário, o que possibilita a articulação entre objetividade e subjetividade, mostrando justamente as respostas que elas deram aos acontecimentos vividos, a representação sobre si mesmas, seu trabalho, sua vida.

Nessa *teia* – a Vila Pedreira, lugar de convivência humana, cheio de vontades e conceitos conflitantes, a ação das depoentes quase sempre deixa de atingir seu objetivo final, mas através da ação real como meio, são produzidas histórias sociais, tão naturalmente quanto se produz coisas alcançáveis.

As histórias de uma localidade, relatadas por seus sujeitos – nesse caso as mulheres, podem vir a ser registradas em documentos e trabalhos como o nosso; podem ser contadas e recontadas e transformadas em material de pesquisa. As histórias da Vila Pedreira – onde moram essas mulheres, vão falar de seus sujeitos, das *heroínas* que nelas existem.

Como pesquisadora que escuta as vivências de outras mulheres, com diferente noção de tempo e espaço, sou levada a refletir sobre as minhas experiências e significados de trabalho. E isso, me reporta a minha história.

Minha formação acadêmica na área da saúde, centrada na técnica, que pouco me mostrou das relações humanas, têm sido a motivação para a busca de conhecimentos voltados às questões sociais dos seres humanos.

Nossa proposta de desenvolver, os relatos das depoentes, com maior profundidade, se processou dentro dos limites de um trabalho de conclusão de Mestrado. A idéia que está dada, é que os contatos com as mulheres da Vila Pedreira, continuam, por pedido das narradoras e interesse da pesquisadora.

Porque contar, escrever e pesquisar sobre as pessoas de um grupo ou localidade, nesse caso as mulheres? É através dos fragmentos dessas histórias, compartilhados, que se constróem novos espaços de participação e cidadania. Os temas que emergem dessas histórias servem como ponto de partida para futuras propostas de estudos.

**BIBLIOGRAFIA**

- ALBORNOS, Suzana. *O que é trabalho*. 6. ed. São Paulo : Brasiliense, 2000. 104p.
- ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 3. ed. São Paulo : Boitempo Editorial, 2000. 261p.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10. ed. Petrópolis : Forense Universitária, 2000. 352p.
- AZEVEDO, Tasso Rezende de. *Buscando Recursos para seus Projetos*. 2. ed. São Paulo : Textonovo, 1998. 117p.
- BECKER, Howards. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo : Hucitec, 1994.
- BOLETIM GEOGRÁFICO (IBGE). *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000: Malha Municipal Digital do Brasil*, 1997.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. 2. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma Tese*. 15. ed. São Paulo : Perspectiva, 2000. 170p.
- FAVARO, Cleci E. *Imagens Femininas: Contradições, ambivalências, violências*. . Porto Alegre : EDIPUCRS, 2002. 258p.
- FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (Orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1996. 304p.
- GIL, Antônio C. *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. 3. ed. São Paulo : Atlas, 1993. 159p.
- GUIMARÃES, A. Z. (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves Editora, 1990. 263p.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 5. ed. Petrópolis : Vozes, 1997. 224p.
- LEBRUN, Gérard. *O que é Poder*. São Paulo : Brasiliense, 1999. 122p.
- MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo : Edições Loyola, 1996. 78p.

- MELLO, Sylvia L. de. *Trabalho e Sobrevivência: Mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. São Paulo : Ática, 1988. 192p.
- MINAYO, Maria C. de S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 5. ed. São Paulo-Rio de Janeiro : Hucitec-Abrasco, 1998. 269p.
- MONTENEGRO, Antonio T. *História Oral e Memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo : Contexto, 1992. 153p.
- NASCIMENTO, E. P. do. *Pobreza e exclusão social no Brasil: As múltiplas dimensões do fenômeno*. Paris : IRFED/CCE, 1993 (Relatório apresentado em maio de 1993).
- NEUTZLING, Inácio. Sociedade do trabalho e sociedade sustentável: algumas aproximações. In: OSOWSKI, Cecília; MÉLO, José L. B. de (Orgs.). *O Ensino Social da Igreja e a Globalização*. São Leopoldo : Editora Unisinos, 2002, p. 37 – 82.
- NEVES, Magda de A. *Trabalho e Cidadania: As trabalhadoras de Contagem*. Petrópolis : Vozes, 1995. 292p.
- OLIVEIRA, Rosiska de. Mulheres no limite. In: MELO, Liana. IstoÉ. Edição 1707. 19.06.2002.
- RIETH, Márcia L.;VEECK,M. S. *O Processo de Formação de um Serviço de Saúde como Prática de Educação Popular*. Canoas : ULBRA, 1990. 65p. (Monografia de Conclusão do Curso de Pós-Graduação - Latu Sensu em Saúde Comunitária).
- RODRIGUES, José C. *O corpo na História*. Rio de Janeiro : Fiocruz, 1999.
- SIMSON, Olga R. de M. von. *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas : Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997. 359p.
- TELLES, Vera da S. *Pobreza e Cidadania*. São Paulo : Editora 34, 2001. 168p.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História oral*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. 385p.
- TOURAINÉ, Alain. *Palavra e Sangue: Política e sociedade na América Latina*. São Paulo : Unicamp, 1989. 598p.
- VALLES, Miguel S. *Técnicas Qualitativas de Investigación Social: Reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Editorial Síntesis, 1999. 430p.
- WAGNER, Eugênia Sales. *Hannah Arendt & Karl Marx: O Mundo do Trabalho*. São Paulo : Ateliê Editorial, 2000. 208p.

YUNUS, Muhammad. *O Banqueiro dos Pobres: A revolução do microcrédito que ajudou os pobres de dezenas de países*. São Paulo : Ática, 2000. 343p.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza*. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1994. 265p.

\_\_\_\_\_. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro : Revan/Editora UFRJ, 1994. 280p.

\_\_\_\_\_. Crime e castigo vistos por uma antropóloga. In: BINGEMER, M. C.; BARTHOLO JR., R. dos S. (Orgs.). *Violência, crime e castigo*. São Paulo : Loyola, 1996.